

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Laiana Orozco Garcias

*“Como eu vou aprovar o aluno se ele não está alfabetizado?”:*  
**UM ESTUDO SOBRE A PROGRESSÃO CONTINUADA  
DO 1º AO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Porto Alegre  
1. semestre  
2012

Laiana Orozco Garcias

*“Como eu vou aprovar o aluno se ele não está alfabetizado?”:*

**UM ESTUDO SOBRE A PROGRESSÃO CONTINUADA  
DO 1º AO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:  
Profa. Dra. Luciana Piccoli

Porto Alegre  
1. semestre  
2012

## RESUMO

O estudo discute como a progressão continuada está sendo implementada em uma escola pública estadual localizada em Porto Alegre. Tem como objetivo identificar e analisar as estratégias didáticas utilizadas pelas professoras no processo de alfabetização dos alunos que estão no 2º ano do Ensino Fundamental, mas não atingiram os objetivos previstos para o 1º ano. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa que utilizou alguns procedimentos da etnografia: observações em duas turmas de 2º ano para acompanhar o trabalho pedagógico das professoras em relação a três alunos ainda não alfabetizados e entrevistas com as professoras e a supervisora da escola. Também foram propostas duas avaliações focalizando o processo de escrita desses alunos. Como referencial teórico, destacam-se estudos na área da alfabetização, dos processos de ensino e aprendizagem e da formação docente. A partir dos dados gerados, foi possível observar que as professoras centram sua prática pedagógica na escrita como cópia e utilizam um grande número de folhas de sistematização. Nas análises, as estratégias didáticas foram agrupadas em dois eixos: estratégias em relação ao controle do tempo e do espaço e estratégias em relação aos erros dos alunos. Verificou-se que os avanços no processo de alfabetização foram significativamente mais expressivos para o aluno da professora que exercia maior controle do uso do tempo e do espaço e que realizava distintas intervenções, com foco linguístico, em relação aos erros por ele cometidos. Destaca-se, ainda, o papel que as professoras atribuem à família, à imaturidade e aos aspectos emocionais na justificativa para a não aprendizagem dos alunos.

**Palavras-chave:** Progressão continuada. Aprendizagem. Alfabetização.

GARCIAS, Laiana Orozco. **“Como eu vou aprovar o aluno se ele não está alfabetizado?”**: um estudo sobre a progressão continuada do 1º ao 2º ano do Ensino Fundamental. Porto Alegre, 2012. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO E JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>4</b>
1.1 METODOLOGIA .....	7
<b>2 APORTE LEGAL PARA A PROGRESSÃO CONTINUADA .....</b>	<b>9</b>
3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	14
3.1 SOBRE AS PROFESSORAS E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	14
<b>3.1.1 Professora Karen .....</b>	<b>17</b>
<b>3.1.2 Professora Zilda .....</b>	<b>23</b>
3.2 SOBRE OS ALUNOS E SUAS APRENDIZAGENS .....	25
<b>3.2.1 Eduardo .....</b>	<b>25</b>
<b>3.2.2 Mariana .....</b>	<b>27</b>
<b>3.2.3 Paulo .....</b>	<b>28</b>
<b>4 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS: ALGUMAS ANÁLISES</b> .....	<b>31</b>
4.1.1 ESTRATÉGIAS EM RELAÇÃO AO CONTROLE DO TEMPO E DO ESPAÇO.....	31
4.1.2 ESTRATÉGIAS EM RELAÇÃO AOS ERROS DOS ALUNOS .....	38
<b>5 JUSTIFICATIVAS PARA A NÃO APRENDIZAGEM .....</b>	<b>45</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>53</b>

## 1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO E JUSTIFICATIVA

No 7º semestre do Curso de Pedagogia, realizei meu estágio obrigatório<sup>1</sup> em uma turma de 1º ano de uma escola estadual do município de Porto Alegre. Considero que este período foi rico em aprendizagens, pois a cada dia tinha um novo desafio a ser vencido. É claro que o estágio não foi um “tempo” só de momentos positivos, tiveram momentos difíceis, momentos de muitas incertezas. Naqueles meses de estágio, do início até o fim, a palavra “alfabetização” não saía da minha mente e, junto dela, um peso, uma cobrança muito grande.

Como educadora, tenho a plena consciência de que toda turma é um grupo heterogêneo, cada aluno aprendendo no seu tempo. Porém, é preciso delimitar um tempo, a partir da construção de objetivos. Na turma do estágio, tinha alunos que eu acreditava que não estavam aprendendo no tempo esperado. Acredito que eu me empenhei em ensinar estes alunos, buscando atividades diferenciadas, lendo, estudando e buscando auxílio com minha orientadora.

Durante a semana, a sexta-feira era o dia em que as alunas do estágio não iam para a escola, e sim para a faculdade no turno da manhã. Nesses dias conversávamos bastante, dividindo com a orientadora e com as colegas nossas alegrias e nossas angústias. Mas, além do apoio que eu tinha das colegas e da orientadora, eu tinha a ajuda da professora-titular da turma. Penso que era de grande ajuda as conversas que eu tinha com ela, pois ela conhecia os alunos há mais tempo e a família de cada um, e isso me auxiliava a conhecê-los mais e, com certeza, me ajudava no meu trabalho. A partir das conversas que tive com a professora-titular, foram surgindo muitos questionamentos e o interesse de discutir a temática da progressão continuada.

Em uma dessas conversas com a professora, contei que um dos alunos, na semana anterior, tinha registrado no caderno o que eu tinha escrito no quadro, e que eu havia ficado bem feliz, porém naquele dia, no dia da conversa, ele parecia mais desanimado e mal escreveu a data. Não somente naquele dia, mas também em outros. Ela disse que tinha desistido do aluno, pois achava que o que “atrapalhava” ele era a sua família, que já tinha sido comunicada sobre as dificuldades do filho e não teria mudado a sua postura. Foi então que surgiu o assunto da não reprovação dos alunos do 1º ano: “como eu vou aprovar um aluno se ele não está alfabetizado?”. A partir desta fala da professora, surgiram muitos questionamentos e uma

---

<sup>1</sup> Atividade obrigatória da sétima etapa do Curso de Pedagogia da UFRGS. Realizei esta atividade em 2011, no segundo semestre do ano (2011/2).

melhor análise dos critérios para um aluno “passar” para o 2º ano. Eu percebi que eu não tinha uma resposta concreta sobre a reprovação de um aluno. Acredito que não podemos apenas concordar ou não, temos que analisar as possibilidades. Primeiro acreditei, concordei com esta posição de não reprovar um aluno no 1º ano, pois logo constatei que a autoestima faz parte do processo de aprendizagem e uma reprovação poderia apenas prejudicar mais o processo. Mas pensando por outro lado, acredito que, se um aluno que se encontra com dificuldades para se alfabetizar, passa para o segundo ano, em que as exigências vão ser outras, maiores, ele terá mais dificuldades. O ideal seria que o aluno que passasse para o outro ano tivesse um acompanhamento e, como já sabemos, o que vemos mais são salas lotadas, com apenas uma educadora. Então, é praticamente impossível atender a todos como gostaríamos.

Escolhi esta temática para a minha pesquisa, porque acredito que as discussões sobre a progressão continuada devem avançar, pois não cabe apenas concordar ou não com tal medida, pois ela já é uma realidade para o 1º ano do Ensino Fundamental e está se tornando também para o 2º ano. O que penso é que o movimento dos educadores deve ser o de buscar novas ações para que as turmas dos anos iniciais possam se adequar a este processo.

Pensar no aluno citado anteriormente, o qual a professora admite que desistiu, me fez pensar de que forma este aluno será recebido no 2º ano. Refletindo sobre a minha turma de estágio no ano passado, eu sabia que não era somente aquele aluno que não estava conseguindo, de certa forma, acompanhar a maioria da turma. Então, de que forma estes alunos são recebidos no 2º ano?

Querendo compreender melhor este processo de “não retenção” dos alunos, voltei à escola onde realizei estágio curricular. Busquei discutir como a progressão continuada está sendo implementada nesta escola estadual de Porto Alegre, tendo como objetivo identificar e analisar as estratégias didáticas utilizadas pelas professoras no 2º ano do Ensino Fundamental no processo de alfabetização dos alunos que não atingiram os objetivos previstos para o 1º ano.

Nesta seção introdutória, foi exposta a justificativa deste estudo. Ainda neste mesmo capítulo, tratarei da metodologia da pesquisa. No capítulo seguinte, exponho a legislação que regulamenta a progressão continuada. O capítulo 3 está subdividido em duas partes para contemplar a descrição dos sujeitos participantes da pesquisa: as professoras das turmas de 2º ano e os alunos que não atingiram os objetivos no ano anterior. O capítulo 4 refere-se às análises das estratégias utilizadas pelas professoras. Destaco que, para auxiliar nestas análises, busquei os estudos na área da alfabetização de Magda Soares, especificamente os conceitos de “desinvenção” e “reinvenção” da alfabetização, como também estudos sobre formação de

professores e sobre processo de ensino e aprendizagem. No capítulo 5, destaco as justificativas encontradas pelas professoras para a não aprendizagem dos alunos observados. E, por fim, exponho algumas considerações finais.

## 1.1 METODOLOGIA

A pesquisa aqui descrita se configura como uma pesquisa qualitativa que utilizou alguns procedimentos da etnografia. No que se refere a estes procedimentos, foram realizadas observações de práticas pedagógicas, registradas em diário de campo e entrevistas com as professoras. Também foram realizadas avaliações escritas com os alunos.

Para a realização da pesquisa, voltei à escola na qual realizei o estágio obrigatório. Foram realizadas observações em duas turmas de 2º ano, com o objetivo de acompanhar o trabalho pedagógico das professoras em relação aos três alunos observados que não atingiram os objetivos previstos para o 1º ano. Antes de iniciar as observações, os objetivos da pesquisa foram informados para as professoras, alunos e responsáveis, através de um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A).

Como eu já conhecia a equipe diretiva da escola, não houve problemas para retornar à instituição. Conversei com a supervisora da escola e com a diretora, que falaram com as professoras. Quando elas já tinham sido informadas, fui à escola e entreguei o documento citado anteriormente. No dia 21 de março, iniciei as observações, programadas até o dia 12 de abril. Primeiramente, a intenção era passar quatro semanas na escola, acompanhando as duas turmas, duas vezes na semana. Porém, devido às faltas dos alunos observados, as observações foram ampliadas por mais duas semanas, até o dia 26 de abril.

No primeiro dia de observação, solicitei às duas professoras que reservassem alguns minutos do início da sua aula para que eu explicasse para a turma rapidamente o que iria fazer na sala de aula deles. Esta tarefa foi importante no que diz respeito aos procedimentos da pesquisa, como também para que ficasse claro para os alunos o meu papel naquele momento, dando ênfase que eu não seria a professora deles, como tinha acontecido no ano passado. Quando fui conversar com os alunos, cada turma e cada professora reagiu de uma forma. No caso da primeira professora, ela acabou interrompendo a minha fala, como se estivesse querendo reafirmar que quem era professora da turma era ela. Já na outra turma, a professora

disponibilizou mais do seu tempo para que eu pudesse conversar com os alunos. Abaixo trago a descrição dos dois momentos.

O que aconteceu é que eu senti que não tive muito espaço para falar com os alunos, para explicar o que eu estava fazendo ali na sala de aula. A conversa da professora seguiu em um tom pouco amigável, já que parecia que eu estava ali para observar o que os alunos faziam de errado e que quem conversasse demais, não fizesse as tarefas, teria o nome registrado em meu caderno. Depois eu tentei contar da minha maneira, mas eu não tinha o espaço que eu gostaria, eu estava me sentindo supervisionada. Ao final, eu digo que eu não serei a “prof” deles, mas sim acompanharei as aulas, então a professora completa: “qualquer dúvida que vocês tiverem perguntem para mim”. (Diário de campo, dia 21/03/2012)

Dessa vez, acredito que consegui falar com a turma, pois a professora cedeu o seu espaço para que eu pudesse conversar com os alunos. Expliquei que eu ia acompanhar as aulas. Achei necessário frisar que eu não seria a “prof” dessa vez e, é claro, conversei sobre o que eles achavam que era uma “pesquisa”. Foi interessante ouvir os alunos dizerem que, quando temos uma dúvida, procuramos na internet para que possamos respondê-la, e outros complementaram: “No Google né”. (Diário de campo, dia 21/03/2012)

Como forma de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, foram utilizados nomes fictícios para as professoras e para os alunos, respeitando-se a letra inicial dos nomes reais. As professoras foram nomeadas por Karen e Zilda, e os alunos Eduardo, Mariana e Paulo.

Foram realizadas 8 observações na turma da professora Zilda e 11 observações na turma da professora Kátia, ao longo de 6 semanas. Estas observações foram registradas em um diário de campo. Este diário foi construído através das minhas anotações feitas em todos os dias de observação. Eu descrevia o trabalho das professoras, o que faziam, como faziam, dando mais atenção aos momentos em que elas interagem com os alunos observados. Algumas falas marcantes foram registradas. Ao longo do estudo, são expostos alguns excertos deste diário.

Após as observações, foram realizadas entrevistas com as duas professoras e com a supervisora da escola. No caso das professoras, a entrevista, inicialmente, buscava compreender como elas construía o seu planejamento, como também percebiam os alunos observados em sala aula e a postura delas diante da progressão continuada. Com a supervisora, a entrevista foi dirigida para saber se a escola recebeu alguma orientação Secretaria Estadual de Educação para implementação da progressão continuada. No apêndice B, estão descritas as perguntas realizadas na forma de um roteiro.

Como forma de acompanhar o processo de alfabetização dos alunos observados, foram propostas duas avaliações acerca da escrita das crianças, no início e no final das observações. Foi solicitado a cada um dos alunos, em momentos distintos, que escrevessem palavras e uma frase a partir de um tema escolhido. Estas avaliações foram realizadas no horário de aula, em uma sala separada, enquanto os outros alunos continuavam as atividades. Por uma questão de solicitação das professoras, as avaliações eram realizadas no início do período de aula.

Com os dados gerados a partir das observações, das entrevistas e das avaliações dos alunos, foi possível analisar as estratégias utilizadas pelas professoras Karen e Zilda.

## 2 APORTE LEGAL PARA A PROGRESSÃO CONTINUADA

Para que possamos discutir sobre a questão da progressão continuada, é importante buscar informações sobre o tema nos documentos oficiais. Buscar a história do assunto se faz necessário para entendermos melhor que caminho a educação escolar está seguindo e porque, de certa forma, uma reformulação no ensino pode contribuir (ou não) para uma possível melhora na sua qualidade. Atualmente as escolas estaduais, municipais e privadas estão em um processo de reconfiguração baseado em um “novo” ensino: o Ensino Fundamental de Nove Anos.

Neste capítulo trago primeiramente, excertos de alguns documentos do Ministério da Educação (MEC), como forma de sistematizar e compreender as orientações do processo de implementação do Ensino de nove anos. Tais documentos são: Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações Gerais (2004); Ensino Fundamental de Nove Anos: Passo a Passo do Processo de Implementação (2009); e os pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE) para a Educação Básica, do ano de 2008 e 2010. Aponto também, em um segundo momento, a posição da Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul em relação à progressão continuada.

Trago um excerto, que está redigido no documento “Passo a Passo” (BRASIL, 2009), que destaca sobre a matrícula obrigatória aos seis anos de idade, no ensino de nove anos. Também explica que o ano de 2010 era o prazo final para processo de implementação do ensino de nove anos. Este excerto utiliza os termos “planejamento” e “organização” e que o período reservado a estas ações seria o ano de 2009. Sendo assim, o processo de implementação de um “novo” ensino demanda tempo, organização, planejamento. Para uma reestruturação no ensino, como para qualquer ação na área da educação, são construídas metas.

**Parecer CNE/CEB nº 4/2008**, de 20 de fevereiro de 2008: Reafirma a importância da criação de um novo ensino fundamental, com matrícula obrigatória para as crianças a partir dos seis anos completos ou a completar até o início do ano letivo. Explicita o ano de 2009 como o último período para o planejamento e organização da implementação do ensino fundamental de nove anos que deverá ser adotado por todos os sistemas de ensino até o ano letivo de 2010.

Então, a partir da leitura do trecho acima, o que fica é que este parecer quer garantir que, até um determinado tempo, todos os alunos sejam matriculados, aos seis anos de idade, um ano antes do que era proposto no ensino fundamental de oito anos.

Destacando novamente o excerto anteriormente comentado, trago um excerto do documento de “Orientações Gerais” (2004). Este trecho completa as constatações dos parágrafos anteriores, de que o processo de implementação é lento. É dito que na LDB de 1996 já teria sido pontuada a necessidade de um ensino de nove anos. Cinco anos depois a esta sinalização, é que o ensino de nove anos se tornou meta.

Em 1971, a Lei nº 5.692 estendeu a obrigatoriedade para oito anos. Já em 1996, a LDB sinalizou para um ensino obrigatório de nove anos, a iniciar-se aos seis anos de idade. Este se tornou meta da educação nacional pela Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que aprovou o PNE. (BRASIL, 2004, p.14)

Considerando que a educação se baseia em um processo de constante reflexão, que a cada novo caminho traçado é necessário repensar, reestruturar, reorganizar, entendo que a progressão continuada está inserida nesta reestruturação do ensino, necessitando de um tempo, no caso, de um largo prazo para sua implementação. Sendo assim, retomando novamente o documento Orientações Gerais (2004), podemos analisar que as mudanças feitas atualmente foram pensadas e almejadas há alguns anos. Lendo os documentos e analisando-os percebe-se que as mudanças em nenhum momento foram imediatas.

Sobre este ensino de nove anos que propõe que os alunos ingressem mais cedo, trago um excerto, novamente, do Passo a Passo, que faz um recorte do Parecer do CNE de 2008, o qual trata sobre os três primeiros anos do ensino fundamental:

Reitera normas, a saber: o redimensionamento da educação infantil; estabelece o 1º ano do ensino fundamental como parte integrante de um ciclo de três anos de duração denominado “ciclo da infância”. *Ressalta os três anos iniciais como um período voltado à alfabetização e ao letramento* no qual deve ser assegurado também o desenvolvimento das diversas expressões e o aprendizado das áreas de conhecimento. (BRASIL, 2009, p.8) (grifos meus)

Como este trecho acima destaca, os três primeiros são considerados como um “espaço de tempo” reservado para a alfabetização e letramento. Os documentos que orientam sobre o ensino de nove anos destacam que a criança, ao iniciar a escolarização aos seis anos, terá mais tempo para se alfabetizar, então este um ano é um acréscimo no tempo de alfabetização. Com o processo de implementação de nove anos, os três primeiros anos ensino fundamental são considerados um ciclo de alfabetização. Sendo assim, os documentos oficiais sugerem que o 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental compõem um “bloco de alfabetização”.

“Ciclo da infância” é outro termo escolhido para designar os três primeiros anos do Ensino Fundamental de nove anos. Na página 17 do “Passo a Passo”, é retomado o parecer

citado anteriormente, destacando a “complexidade da alfabetização e letramento no início da escolarização” e que “a maioria das crianças necessita de mais de duzentos dias letivos para consolidar essas aprendizagens em conjunto com outras áreas do conhecimento [...]” (BRASIL, 2009, p.17). Pode-se dizer que alguns dos objetivos propostos por este “ciclo da infância” ou “ciclo de alfabetização” é respeitar o tempo de cada aluno e, ampliando este tempo de aprendizagem, busca-se garantir a alfabetização de todos os alunos.

Partindo destas constatações, referindo o processo de alfabetização e letramento como sendo algo complexo e também descrevendo os três primeiros anos como um ciclo, podemos citar novamente o parecer do CNE de 2008: “Dessa forma, entende-se que a alfabetização dar-se-á nos três anos iniciais do Ensino Fundamental” (BRASIL, 2008, p.2).

No Parecer do CNE do ano de 2010, é utilizada a expressão “progressão continuada”, não apontada nos documentos citados anteriormente:

[...] no artigo 32, inciso IV, quando trata especificamente do Ensino Fundamental, a LDB refere que os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar o regime de *progressão continuada*, sem prejuízo da avaliação do processo ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino. A forma de progressão continuada jamais deve ser entendida como “promoção automática” o que supõe tratar o conhecimento como processo e vivência que não se harmoniza com a ideia de interrupção, mas sim de construção em que o estudante, enquanto sujeito da ação, está em processo contínuo de formação, construindo significados. (BRASIL, 2010, p. 50)

No trecho do parecer, citado acima, verifica-se que mesmo que alguma instituição esteja organizada por série no sistema do ensino de nove anos, a progressão continuada pode ser adotada. Em seguida, é reforçado que a progressão, não é “promoção automática”, referindo que o aluno continua sendo avaliado, mas de outra forma, na qual ele não é interrompido.

Novamente no “Passo a passo”, no texto que introduz a seção sobre avaliação, está registrado:

É preciso planejar e avaliar bem aquilo que estamos ensinando e o que as crianças estão aprendendo desde o início da escolarização. É preciso não perder tempo, não deixar para os anos seguintes o que devemos assegurar desde a entrada da criança, aos seis anos, na escola. A escola não deve se ater apenas aos aspectos cognitivos do desenvolvimento, pois a reprovação tem impactos negativos, como a evasão escolar e baixa auto-estima. (BRASIL, 2009, p.16)

Primeiramente, o excerto acima reforça a importância dos anos iniciais de escolarização. Fica claro que o documento propõe uma nova forma de avaliar, defendendo que a reprovação acarretará outros problemas futuramente.

Novamente lanço mão do parecer do CNE de 2010 para destacar a observação feita em relação à avaliação no contexto da progressão continuada:

[...] a avaliação requer outra forma de gestão da escola, de organização curricular, dos materiais didáticos, na relação professor-estudante-conhecimento-escola, pois, na medida em que o percurso escolar é marcado por diferentes etapas de aprendizagem, a escola precisará, também, organizar espaços e formas diferenciadas de atendimento, a fim de evitar que uma defasagem de conhecimentos se transforme numa lacuna permanente. (BRASIL, 2010, p. 50)

Lendo o excerto do parecer, é importante destacar que a progressão continuada é muito defendida, mas, para que a escola modifique a sua forma de avaliar, é preciso que primeiro outros aspectos se modifiquem.

No que diz respeito ao Rio Grande do Sul, foi organizado, pela Secretaria de Educação, no ano passado, 2011, no mês de outubro, o “I Encontro de Formação do Programa de Progressão Continuada na Alfabetização e Letramento”<sup>2</sup>. Foram cinco dias de formação, com palestras e debates. O objetivo era a implantação do programa de progressão continuada no Estado. Neste ano, 2012, a progressão continuada do 1º ao 3º ano deverá ser aplicada.

Em entrevista à supervisora da escola em que foi desenvolvida esta pesquisa, foi relatado que as professoras passaram por um período de dúvidas sobre como a progressão continuada seria implementada no caso do 2º ano para o 3º ano, no ano passado, 2011. A equipe diretiva da escola recorreu à Secretaria de Educação para esclarecer as dúvidas, foi então que receberam alguns encaminhamentos. A supervisora recebeu dois documentos após a solicitação de esclarecimentos. Cito aqui um dos relatórios recebidos pela instituição. Em um primeiro momento, estão descritos os artigos 30 e 49 do parecer do CNE do ano de 2010, documento citado anteriormente neste capítulo. Em seguida, o documento traz uma posição do Estado. São citados três trechos de pareceres do Conselho Estadual de Educação (CEED/RS), do ano de 2005, 2006, 2008. No parecer do CEED nº644/2006 destaco o seguinte:

Na elaboração da proposta de Regimento Escolar para o ensino fundamental de nove anos de duração, o estabelecimento de ensino deverá expressar a avaliação por Parecer Descritivo, sem a retenção do aluno no 1º ano do ensino fundamental de nove anos.

---

<sup>2</sup> Fonte: site da SEC [www.educacao.rs.gov.br](http://www.educacao.rs.gov.br)

A partir do excerto acima e levando em consideração a fala da supervisora, ela afirma que na escola todos sempre estiveram cientes que, desde o início da implementação do ensino de 9 anos, o aluno no primeiro ano não poderia ser mais retido. Mas ao mesmo tempo, na visão das professoras e dos pais, isso ainda não é um processo muito aceito.

### 3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Este capítulo versa sobre os participantes da pesquisa. Primeiramente, trata das práticas das professoras observadas de uma forma geral, com pontos em comum entre as educadoras; após, separadamente. Em um segundo momento, na subseção seguinte, analiso as avaliações realizadas pelos três alunos, comparando a primeira e a segunda produção escrita das crianças.

#### 3.1 SOBRE AS PROFESSORAS E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Nesta subseção, busca-se a descrição das práticas das duas professoras observadas. Em um primeiro momento, será realizada uma análise geral sobre os recursos utilizados. Nas subseções seguintes, haverá uma análise individual, sobre a prática pedagógica da professora Karen e da professora Zilda.

As professoras seguem uma regra da Instituição a qual solicita que os pares de cada ano, no caso as duas turmas de 2º ano, construam o planejamento juntas. Como eu realizei estágio obrigatório na escola no ano anterior<sup>3</sup>, eu já tinha conhecimento deste encaminhamento e da justificativa da escola, que optou pelo planejamento “em conjunto” para evitar comparações entre as famílias dos alunos. Porém, o que eu percebi é que cada professora segue o seu tempo, pois nem sempre o conteúdo que estava sendo trabalhado em uma turma estava sendo trabalhado na outra.

O acompanhamento da prática das professoras foi realizado a partir de um diário de campo. Posteriormente, foi construída uma tabela como forma de organizar o que foi mais recorrente no que diz respeito às estratégias escolhidas pelas educadoras. Nesta tabela estavam organizados também os recursos utilizados para o processo de alfabetização. Observando o quadro abaixo, fica visível que o recurso mais utilizado foram as folhas de sistematização, demonstrando uma grande discrepância em comparação aos outros recursos. Estas folhas foram um grande apoio escolhido pelas professoras na busca por ensinar os

---

<sup>3</sup> As duas turmas de 1º ano não estavam incluídas nesta regra, pois estavam com professoras-estagiárias.

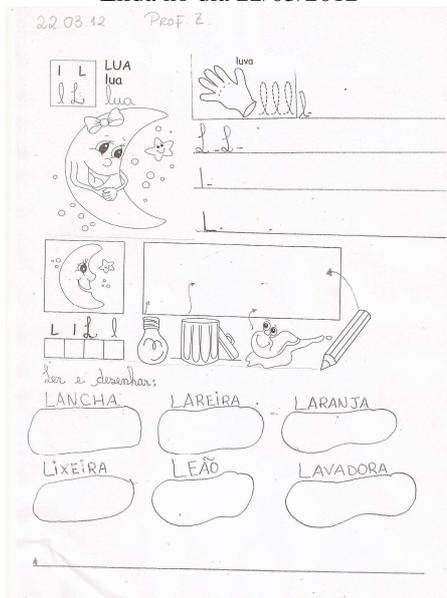
alunos o traçado da letra cursiva. Durante as semanas de observação, percebi que quase todos os dias era retomada uma letra do alfabeto com o objetivo de ensinar o traçado cursivo.

Recursos didáticos utilizados nas aulas

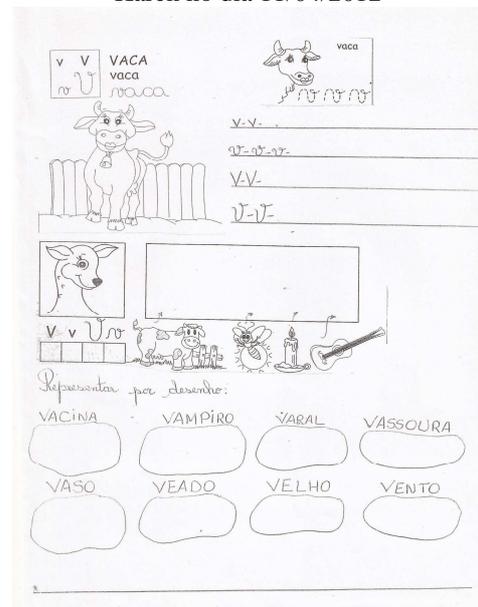
Recursos	Professora Karen	Professora Zilda
Folhas de sistematização	16 folhas	11 folhas
Caderno/quadro (textos escritos no quadro que os alunos deveriam copiar)	12 registros	5 registros
Caderno de ditado	1	2
Livro didático	-	1
Livros de literatura	1	1

As folhas de sistematização eram compartilhadas entre as professoras, então, se em um dos dias a professora Zilda propunha trabalhar com a letra “L”, no dia em que a professora Karen fosse explorar esta letra, em algum momento, ela utilizaria a mesma folha de sistematização. Além disso, as folhas produzidas, na retomada das letras do alfabeto, seguiam um mesmo padrão. Abaixo trago a imagem de duas folhas usadas.

Folha de sistematização utilizada pela professora Zilda no dia 22/03/2012



Folha de sistematização utilizada pela professora Karen no dia 11/04/2012



As folhas eram divididas basicamente em três partes: a primeira para o ensino do traçado da letra escolhida; a segunda parte era destinada à escrita do nome das imagens; a terceira

proposta é, ao contrário desta última, desenhar a partir da leitura das palavras. No final de cada folha, tinha uma linha, demarcada com um asterisco, um espaço reservado para os alunos construírem uma frase, escolhendo uma das palavras estudadas. Na segunda parte e na terceira parte da folha, os alunos da professora Zilda deveriam escrever com a letra cursiva as palavras que não estavam escritas desta forma. Quando o planejamento diário não era centrado na retomada do alfabeto, as folhas de sistematização continuavam sendo utilizadas. Pode-se perceber, observando novamente a tabela, que não há diversidade de recursos.

O item “caderno/quadro” designa as vezes que as educadoras escreveram atividades no quadro e solicitaram que os alunos copiassem, incluindo também a “data do dia”. Cada aluno, das duas turmas, tinha o “caderno de ditado”. Nas duas turmas, foi observado que, quando foi utilizado o caderno de ditado, era com intuito de sistematização da letra que estava sendo aprendida, no caso do ensino do traçado cursivo. Sendo assim, as palavras escolhidas iniciavam com determinada letra, a que no dia estava sendo estudada. Quando já havia finalizado a retomado do alfabeto, a professora Zilda planejou ditados maiores, com palavras variadas e utilizando folhas avulsas como apoio.

Apenas em um dois dias foi registrada a utilização de um livro de literatura<sup>4</sup>, sendo que, na aula da professora Zilda, não foi registrada a contação da história, e sim a continuidade do trabalho sobre o livro.

A utilização do livro didático foi observada em apenas um dia, só na aula da professora Zilda, no dia 17 de abril. Na semana do dia do índio, Zilda solicitou aos alunos que fizessem uma leitura silenciosa de um texto do autor Daniel Munduruku. Neste mesmo dia, a turma deveria devolver os livros de literatura para a biblioteca. A professora chamava cada uma das fileiras para a entrega do livro. Quando uma fileira voltava, a seguinte saía. Enquanto alguns colegas terminavam a leitura, outros nem estavam na sala. Os alunos que tinham finalizado a tarefa anunciavam à professora e ela pedia que lessem novamente. Tiveram crianças que avisaram a ela mais de uma vez e Zilda continuava com a mesma resposta “leia mais uma vez”. Alguns alunos reclamaram de ter que realizar a leitura pela segunda, ou terceira vez. A professora defendia a sua posição, afirmando que outros colegas não tinham terminado e que eles (os que tinham terminado) deveriam esperar. Zilda queria que todos os alunos terminassem a leitura na mesma hora para que seguisse com as atividades.

---

<sup>4</sup> “Dr. Cão”, da autora Babette Cole.

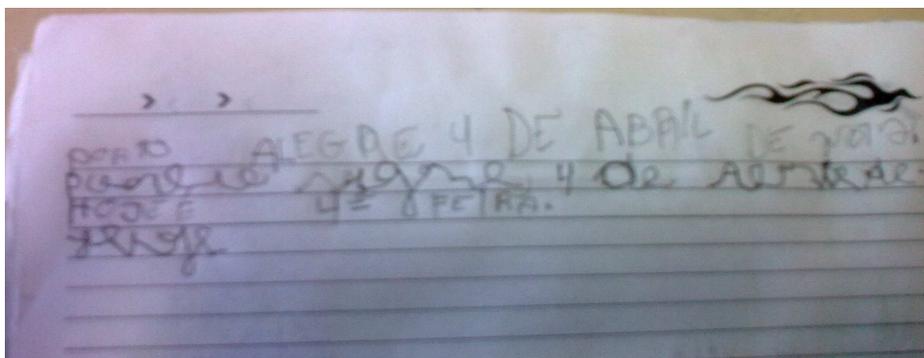
### 3.1.1 Professora Karen

Karen tinha como objetivo inicial ensinar o traçado cursivo. Como foi relatado anteriormente, este trabalho era feito a partir da retomada das letras do alfabeto. Porém, ficou claro que a professora realizava esta tarefa sem um cronograma muito rígido. A professora utilizou bastante o quadro, mais do que a professora Zilda, para registrar a “data” e atividades que os alunos deveriam copiar no caderno.

Observei um grande trabalho de cópia de textos no caderno. A escrita da “data do dia” é um exemplo. Inicialmente a professora escrevia a data apenas com a letra “bastão”, porém, na terceira semana de observação (dias 4 e 5 de abril), verifiquei que a professora estava registrando a data com dois tipos de letra, a letra “bastão” e a letra cursiva. Posso inferir que essa atividade de cópia para um aluno “não alfabetizado”, como é o caso Eduardo, é muito difícil, exaustiva, pois o aluno deve copiar letra por letra, necessitando de mais tempo. Abaixo, trago uma reprodução da data que os alunos copiaram na terceira semana de observação.

PORTO ALEGRE, 4 DE ABRIL DE 2012 <i>Porto Alegre, 4 de abril de 2012</i> HOJE É QUARTA-FEIRA <i>Hoje é quarta-feira</i> O DIA ESTÁ <i>O dia está (desenho – com sol ou com chuva)</i> BOA TARDE! <i>Boa tarde!</i>
---

Registro da data no caderno do aluno Eduardo no dia 04/04/2012



A imagem acima mostra o registro no caderno do aluno Eduardo. Nota-se, comparando a foto com a data que foi escrita no primeiro quadro, que o aluno não finalizou a tarefa. Karen, neste dia, escreveu a data na segunda parte da aula, isso quer dizer, após o recreio, mais especificamente às 16 horas e 15 minutos. Antes de escrever a data, o quadro estava ocupado com a atividade que foi escrita na aula do dia anterior, mas que alguns alunos, como o Eduardo, não terminaram a cópia. Quando ela escreveu a data, solicitou que os alunos parassem de fazer a folha de atividades e escrevessem a data no caderno. Às 16 horas e 50 minutos ela alertou que era dia de recreação<sup>5</sup> e que eles deveriam se “apressar” se quisessem brincar no pátio. Trago abaixo um excerto do diário mostrando a reação do aluno Eduardo.

Quando a professora avisou que a hora da recreação se aproximava, ele acabou finalizando a segunda linha e escrevendo as duas seguintes. Ele escreveu isto em 10 minutos, acabou se esforçando e trabalhando este pouco tempo. (Diário de campo, 4/04/2012)

Como está explicado no trecho do diário, o aluno demorou 35 minutos para escrever a primeira linha e o um trecho da segunda e, em 10 minutos, as outras “linhas” ilustradas na imagem. Olhando para a ilustração, percebe-se que na linha onde está escrito em letra cursiva, está pouco legível, demonstrando a rapidez com que foi feita. Considero que tal proposta de trabalho tem como objetivo ocupar o tempo do aluno. Antes de copiar a data, o aluno registrava o texto da aula anterior, demonstrando mais uma vez que esta atividade não era pensada para ele, já que fica visível o grande esforço feito pelo o aluno.

Na quarta semana de observação, a professora Karen iniciou a escrever a data apenas em letra cursiva. Abaixo trago um excerto do meu diário de campo que ilustra esse momento:

Karen afirmou que no início da semana (segunda, 9 de abril), começou a escrever apenas em letra cursiva (não apenas na escrita da data, mas também nas atividades propostas), pois, para ela, os alunos não podem mais perder tempo, devem aprender a letra cursiva. (Diário de campo, 11/04/2012)

Outro ponto a destacar da prática da professora Karen seria o grande espaço de “tempo livre” de aula, com um trabalho não direcionado. O planejamento das duas professoras muito se assemelha: a utilização das folhas de sistematização que foram partilhadas entre as duas turmas, como também o trabalho de retomada do alfabeto para o ensino da letra cursiva. Porém, a postura das professoras era muito distinta, tanto na forma como organizavam o

---

<sup>5</sup> Karen contou que, desde o início do ano letivo, planeja juntamente com a professora Zilda um momento para os alunos brincarem no pátio. Afirmou que era programado nas quintas-feiras, mas como na semana anterior chegaram os estagiários de Educação Física, eles acabam por ocupar todo pátio e o ginásio neste dia.

trabalho no espaço de tempo da sala de aula, quanto seu envolvimento nas explicações e intervenções feitas aos alunos. Karen, em muitos momentos, se concentrava em outras tarefas enquanto a turma realizava as atividades propostas. Entre estas outras atividades que a professora exercia, estavam as saídas constantes para buscar algum material para a aula - indicando que não fora preparado antecipadamente - mas também para atividades não relacionadas à aula, como quando a educadora levava o lanche dos alunos para a sala dos professores, onde tem uma geladeira, e guardava-os até a hora do intervalo. Algumas dessas saídas foram longas, com até 20 minutos de duração.

Como toda turma, a da professora Karen era muito heterogênea, sendo assim, alguns alunos terminavam muito rapidamente as atividades, enquanto outros demoravam um pouco mais. Nessas saídas da professora, citadas anteriormente, os alunos que acabavam rapidamente ficavam sem nenhuma orientação, buscando outras alternativas, como conversar com colegas ou “passear” pela sala. Em outros casos, os alunos deixavam de realizar as atividades. Não foram poucas as vezes em que eu fiquei sozinha com a turma e acabei por intervir, para que a movimentação diminuísse e voltassem a realizar as tarefas. Em algumas situações, tive que sugerir para os alunos que finalizassem as tarefas e pegassem um dos livros disponíveis em sala de aula para leitura. No excerto abaixo, descrevo um momento em que a professora Karen não estava.

Às 15 horas e 55 minutos a professora sai da sala. Os alunos rapidamente começam a conversar em um tom de voz mais alto, alguns até “passeiam” pela sala. O aluno Eduardo não conversa, mas presta atenção na movimentação, não copiando o que está no quadro. Poucos alunos seguem fazendo a atividade, e percebo que duas alunas solicitam aos colegas que parem de conversar, e uma delas diz: “tomara que a prof. chegue logo e que todo mundo fique quieto”. (Diário de campo, 04/04/2012)

Nem toda a turma sentia-se à vontade de conversar e andar pela sala, quando a professora saía. No excerto acima, a fala de uma das alunas demonstra o desconforto da menina, pois não conseguia realizar as atividades devido ao barulho que a turma fazia.

Foram poucos os momentos que eu percebi algum incentivo da educadora no que se refere à prática da leitura. Na primeira semana de observação, Karen estava envolvida com a organização do armário da sala. Percebendo que a turma estava dispersa, ela disse para os alunos que finalizaram a tarefa a pegar um livro e ler.

A professora Karen estava envolvida com a arrumação da sala: “minha ideia é arrumar aqui no canto (aponta para a mesa ao lado do armário), e colocar jogos para aqueles que terminam [as atividades] antes”. Ela percebeu a movimentação da turma, e sugeriu que pegassem algum gibi na “caixa de gibi”, ou algum outro livro, que fica em outra caixa. (Diário de campo, 21/03/2012)

Como ela não estava observando o que a turma estava fazendo, tinha que encontrar uma forma de continuar realizando a sua atividade, mas ao mesmo tempo tinha que controlar a turma, então o livro foi, talvez, a alternativa. Foi apenas neste momento que eu vi a professora sugerir aos alunos que lessem um livro. Além disso, os livros estavam em mal estado. Acredito que a desordem, o certo descaso com os livros, como folhas caindo, representa o desinteresse pelo material. Os alunos preferiam pegar alguns brinquedos que estavam dispostos em uma mesa, no fundo da sala. Havia poucos brinquedos dispostos na sala, pois a grande parte do material só estava ao alcance da professora, no armário que ficava trancado.

Quanto ao momento de contação de história, presenciei apenas em um dia. Para este momento, a professora organizou a turma em um círculo no chão. Karen escolheu o livro chamado “Dr. Cão”, não utilizando outro recurso para o momento da leitura. Ela mostrou primeiro a capa do livro, perguntando aos alunos se eles conseguiam ler o título. Rapidamente, muitos alunos responderam corretamente o nome do livro e também comentaram que já conheciam a história. Karen foi contando calmamente a história, lia duas páginas e posteriormente mostrava as imagens, caminhando no meio da “roda”. Foi um período longo, pois tiveram muitas interrupções, devido à conversa e solicitações para ir ao banheiro. Este comportamento demonstra que os alunos não estavam mais interessados na história, pois a atividade havia se tornado algo cansativo. A conversa e certa “agitação” não eram apenas de alguns alunos, mas sim de toda a turma. Devo destacar, novamente, que foi apenas neste dia, 25/04/2012, que presenciei a professora contar uma história. Dessa forma, é possível afirmar que a contação de história não é uma prática muito comum, por isso, talvez a agitação dos alunos e a dificuldade em ficarem sentado.

Posteriormente, a professora escreveu a data do dia no quadro que, como eu expliquei anteriormente, era uma atividade longa, e também as informações do livro: o nome, a autora e a editora. Foi solicitado aos alunos que copiassem a data e as informações do livro no caderno. Em seguida, a professora entregou uma folha A3, para a realização da atividade relacionada à história. Novamente pediu que nesta folha escrevessem as informações do livro e se identificassem. Em seguida, informou que eles deveriam desenhar uma parte da história que gostaram. Quando eu estava observando, foram estas informações ditas aos alunos, porém ela me comunicou que iria escrever um trecho do livro pra eles escreverem na folha.

Observei muitos momentos dos alunos copiando textos no caderno. A cópia na sala da professora Karen ocupou um grande espaço. Na quarta semana de observação, no dia 12 de abril, a educadora entregou uma folha de atividades, a qual os alunos deveriam ler as frases e

tentar relacionar com as imagens que seguiam. A correspondência entre as frases e os desenhos deveria ser feita a partir de números, de 1 a 10 (abaixo a imagem da folha). Neste dia, Karen teve que sair da sala para acompanhar os alunos da professora Zilda, pois ela tinha uma reunião com a mãe de uma aluna. Antes de sair da sala, a professora Karen entregou para os alunos a folha de atividades. Eu fiquei na sala auxiliando a turma. Aos poucos as crianças foram finalizando a folha. Para aqueles que haviam terminado, eu sugeri que pegassem os jogos ou livros que tinham na sala. Ocorreram algumas discussões, pois, como eu falei antes, tinha poucos jogos e muitos queriam jogar com o mesmo. Tentei contornar as discussões, mas chegou a um ponto que aqueles jogos não eram mais interessantes. Como a sala da outra professora era ao lado, fui rapidamente falar com a professora Karen e expliquei a situação. Ela me pediu para que olhasse a turma da professora Zilda, pois iria a sua sala propor outra atividade aos alunos. Quando voltei, ela tinha escrito as frases da folha de atividades em letra cursiva no quadro e solicitado aos alunos que copiassem.

Folha que foi utilizada pela professora Karen no dia 12/04/2012

1) Leia e numere as frases de acordo com os desenhos e, depois, registre abaixo os nomes deles.

Ganhei nota dez no ditado.  
 Mamãe fez arroz de forno.  
 Papai operou o nariz.  
 A faxineira fechou a torneira do chafariz.  
 A perdiz foi para o mato.  
 O vestido xadrez é da vovó.  
 O rapaz é muito feliz.  
 A blusa tem capuz.  
 O giz é colorido.  
 A professora fez um lindo cartaz.

		1	
2		3	
		4	
5		6	
		7	
8		9	
		10	

Penso que esta foi a solução mais rápida que a professora encontrou para que a turma se acalmasse. Entendo que ela estava em uma situação complicada, porém, se ela recorreu a tal tarefa, mostra que ela não tinha uma proposta bem estruturada, talvez não tivesse nada planejado e acabou improvisando. Era início da tarde, o que pressupõe que tinha uma tarde pela frente e um suposto planejamento também. Toda a turma voltou a ficar sentada, e a

grande maioria demonstrou estar copiando as frases. A cópia cumpriu o objetivo de preencher o tempo de sala de aula, de prendê-los em uma atividade que pode durar minutos ou até horas, como no caso do aluno Eduardo. A cópia demanda muito esforço dele, pois ele ainda não lê e fica disperso observando a movimentação da aula. Eduardo gasta mais tempo copiando a data do que realizando as outras atividades propostas.

Como foi escrito no início deste capítulo, as professoras seguiam a orientação da instituição de construir o planejamento em conjunto. Na fala da professora Karen, o início do ano letivo foi centrado no ensino da letra cursiva. Porém, o que eu percebo é que este trabalho centrado na letra cursiva foi feito apenas para cumprir uma regra da escola, pois ela estava apenas seguindo as atividades da professora Zilda.

A gente também entrou, no início, com a letra cursiva. É que no Jardim e no 1º ano é só a letra “bastão”. A ênfase do 1º bimestre é a cursiva, aprender a utilizar a cursiva. [...] Eu estou seguindo “mais ou menos” o que ela (Zilda) está passando, algumas coisas eu sugiro também. (Entrevista da professora Karen)

Presenciei um trabalho em que a “letra do dia” era somente trabalhada através de uma folha de sistematização. Sendo assim, não havia outro recurso de trabalho, ou outro tipo de exploração. Exemplificarei essa minha afirmação através de trechos do meu diário do dia 11 de abril, do período das 13 horas e 45 minutos até 15 horas. Neste dia, Karen centrou o seu trabalho no ensino do traçado cursivo das letras “t” e “v”.

[...] ela retoma o trabalho que está sendo realizado em sala de aula, lembrando à turma que estão estudando cada letra do alfabeto e que, no caso, a letra do dia era o “T”. [...] A professora, depois de sua fala, entrega uma folha de sistematização sobre a letra “T”, porém sem explorar essa letra, ela apenas a escreve quadro. (Diário de campo, 11/04/12)

Neste dia realizei a primeira testagem com a aluna Mariana. Meia hora depois, quando voltamos para sala, a professora tinha entregado outra folha para os alunos, sobre a letra “v”. Trinta minutos é pouco tempo para os alunos finalizarem uma folha e partirem para outro assunto, no caso, outra letra. Devido ao tempo disposto para tal conteúdo, fica claro que não houve um investimento da professora para o ensino da letra cursiva (“t” e “v”). Nem toda turma seguiu o ritmo proposto pela professora, pois, quando voltei, alguns alunos ainda realizavam a primeira folha.

### 3.1.2 Professora Zilda

A educadora focou seu trabalho, inicialmente, em uma retomada do alfabeto, utilizando como apoio as folhas de sistematização e até chamando os alunos, um por um, ao quadro, para ensinar o traçado da “letra do dia”. Ouso dizer que a professora Zilda exerce uma prática bastante tradicional. A educadora utiliza-se de poucos recursos em sala de aula. O seu planejamento era bem mais rígido do que o da professora Karen, na perspectiva do tempo dedicado às atividades, o que gerava maior quantidade e diversidade de atividades em um dia. Devo dizer que essa rigidez também está visível na postura dela diante dos alunos. Nos dias em que eu a acompanhei, presenciei um silenciamento da turma, de certa forma excessivo. Qualquer movimentação na sala era recriminada pela educadora.

Nestes dois excertos abaixo, segue uma descrição de dois momentos da aula da professora Zilda. Ela lançou mão de duas maneiras de apresentar aos alunos a “nova letra”, mas, nos dois exemplos acabou utilizando uma folha de sistematização.

Para iniciar a próxima atividade a professora Zilda pergunta aos alunos, “qual a letra de hoje?”. No caso, está sendo retomado todo alfabeto, buscando a compreensão sobre a letra cursiva. Ela confirma o que os alunos disseram que é a letra “K”. Pegou o dicionário e mostrou aos alunos como tem poucas palavras que iniciam com essa letra. Por fim, é entregue a eles uma folha com a letra “K”, quase ocupando toda uma página A4 e, ao lado, palavras escritas com essa inicial. É solicitado que eles escolham uma cor e pintem a letra “K”, para que, na volta do lanche e do recreio, continuem os estudos. (Diário de campo, 21/03/2012)

A professora pergunta aos alunos: “Qual a letra de hoje?”. Alguns alunos da turma respondem rapidamente: “Q”. Ela pede que observem o alfabeto que fica acima do quadro e vejam onde a letra está localizada.  
A professora Zilda desenha no quadro duas linhas e, entre elas, quatro formas de escrever a letra “Q”. Explica com maior precisão as letras minúsculas, mostrando onde começa e onde termina a letra. Após a explicação, chama uma fileira por vez (são cinco), pois cada aluno deve escrever novamente no quadro o que a educadora recentemente mostrou.  
É entregue aos alunos uma folha de sistematização sobre a letra “Q”. (Diário de campo, 08/03/2012)

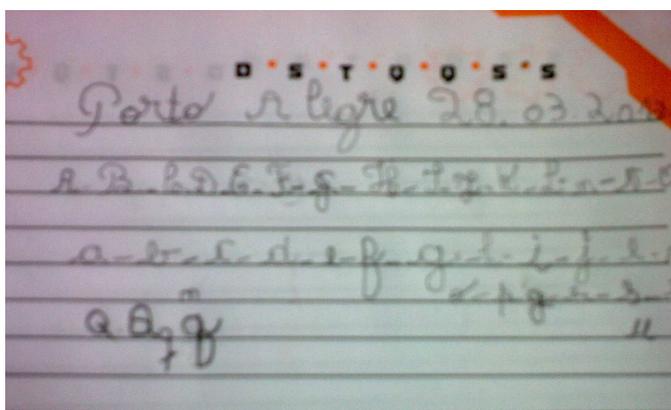
O primeiro passo da professora, no primeiro excerto, foi mostrar aos alunos como existem poucas palavras na nossa língua que iniciam com a letra “K”. Perguntei-me se os alunos saberiam explicar o que era um dicionário e, se vendo de longe as palavras, perceberiam que eram poucas as que a professora mostrava. Como está descrito no final do trecho, o recreio se aproximava, e a tarefa feita pelos alunos enquanto eu estava observando foi pintar. A opção em estudar as todas as letras do alfabeto da mesma forma, até mesmo

aquelas que não são muito utilizadas em nossa, como é o caso do “K”, demonstra novamente a “rigidez” com que a professora Zilda planeja suas aulas.

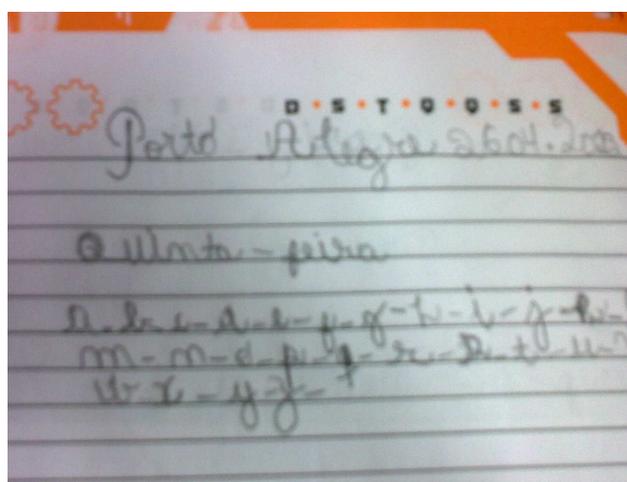
No segundo excerto, a educadora solicitou que cada um dos alunos fosse ao quadro e escrevesse a letra “Q” em seus diferentes “estilos”. Se o planejamento da professora tem como objetivo o ensino do traçado cursivo, parece necessário um trabalho direcionado, pois os alunos não tiveram espaço dedicado no ano anterior para o exercício desse tipo de letra.

Percebo que a professora Zilda trabalha muito com a repetição. Após escreverem a data do dia, os alunos, no período em que estava sendo retomado o alfabeto para o ensino da letra cursiva, deveriam escrever o alfabeto até a letra que tinha sido trabalhada. A escrita era em letra cursiva, maiúscula e minúscula. Trago uma imagem do caderno do aluno Paulo, na segunda semana de observação. A outra imagem é novamente do caderno do Paulo, porém na última semana de observação. Na quinta e na sexta semana de observação, os alunos da turma da professora Zilda já tinham finalizado o trabalho sobre a letra cursiva. O aluno Paulo faltou a terceira e quarta semana de observação, então acabei não vendo a finalização deste conteúdo.

Registro da data e do alfabeto no caderno do aluno Paulo - 28/03/2012



Registro da data e do alfabeto no caderno do aluno Paulo - 26/04/2012



Comparando estas duas últimas semanas com as duas primeiras, nota-se que a professora não deixou de solicitar que os alunos escrevessem o alfabeto em letra cursiva, mas, nas últimas semanas, eles escreveram apenas com a letra minúscula.

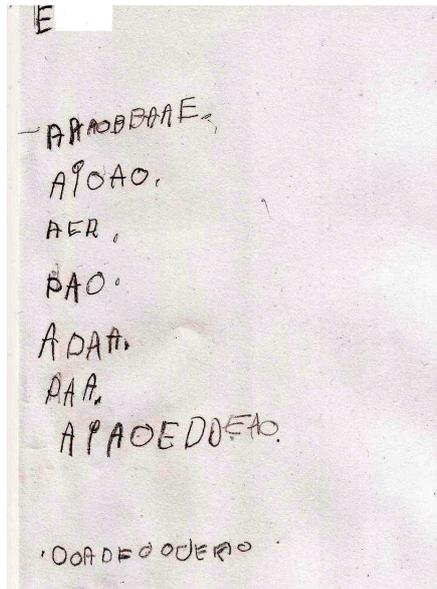
### 3.2 SOBRE OS ALUNOS E SUAS APRENDIZAGENS

Nesta subseção, o objetivo é analisar o desenvolvimento dos alunos observados em seu processo de alfabetização em um dado período de tempo. Partindo desta ideia, foram realizadas duas avaliações com o propósito de avaliar a escrita dos alunos, com aproximadamente um mês de diferença entre uma e outra. Na primeira avaliação realizada no início das observações, foi solicitado que os três alunos escrevessem “coisas” que tem em um parque e, ao final, uma frase, uma idéia sobre um dia no parque. Na segunda avaliação, após a realização das observações, deveriam escrever o nome de “jogos, brinquedos ou brincadeiras” que eles gostam, ao final também deveriam escrever uma frase sobre o mesmo tema.

#### 3.2.1 Eduardo

A primeira avaliação do aluno Eduardo foi realizada no dia 29 de março. Ele escreveu 7 palavras, todas com o predomínio de vogais. Notei, inicialmente, a tentativa de escrever uma letra para cada sílaba, como na sétima palavra “casinha do escorregador” para a qual ele escreveu “AIAOEDDEAO”. Porém, ele acabou acrescentando letras. Provavelmente as três primeiras letras poderiam ser a palavra “casinha” (AIA), e as outras letras “do escorregador”. Nas palavras “pato” e “pessoas”, ele escreveu as letras iniciais corretamente: “PAO”, “PAA”, respectivamente, assim como também o fez nas palavras “árvores” e “areia”: “AIOAO”, “AER”. Abaixo trago uma imagem da avaliação e, ao lado, a transcrição das palavras e da frase.

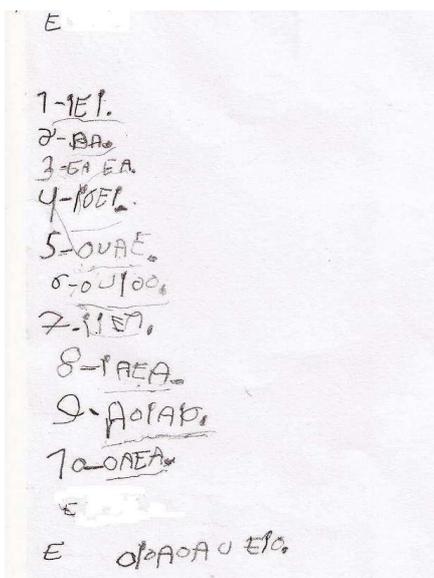
## Primeira avaliação do aluno Eduardo – 29/03/2012



- 1-CAVALINHO
  - 2-ÁRVORES
  - 3- AREIA
  - 4-PATO
  - 5- CADEIRA
  - 6-PESSOAS
  - 7-A CASINHA DO ESCORREGADOR
- Frase: ESSE DIA FOI MUITO LEGAL.

Na segunda avaliação, realizada no dia 2 de maio, o predomínio de vogais na construção das palavras ainda persistiu. A utilização de uma letra para cada sílaba se tornou mais visível, por exemplo: para a palavra “skate”, ele escreveu “IEI”<sup>6</sup>; para “jogo de moto” escreveu “OUIIO”, para bicicleta escreveu “IIEA”. No caso da palavra “computador” (OUAE) a última letra, “E”, não tem relação letra e som com a sílaba final, que é “-dor”. Segue também a imagem da segunda avaliação escrita.

## Segunda avaliação do aluno Eduardo – 02/05/2012



- 1- SKATE
  - 2- BOLA
  - 3- PEGA-PEGA
  - 4- VIDEO GAME
  - 5- COMPUTADOR
  - 6- JOGO DE MOTO
  - 7- BICICLETA
  - 8- BRINCAR NA TERRA
  - 9- BRINCAR DE CARRINHO
  - 10- MONTAR PEÇAS
- Frase: “EU GOSTO DE JOGAR BOLA COM O MEU PRIMO”

<sup>6</sup> Deve-se considerar que “skate” é uma palavra estrangeira, a qual se pronuncia “isqueiti”.

Comparando as duas avaliações, o aluno teve um avanço tímido. A utilização de uma letra para cada sílaba já estava sinalizada na primeira avaliação e, além disso, o aluno não escreveu corretamente nenhuma palavra.

### 3.2.2 Mariana

No dia 11 de abril, foi realizada a primeira avaliação com a aluna Mariana. Para a primeira e para a segunda palavra, ela escreveu a primeira sílaba corretamente, “BAEIO” (balanço), “CAIA” (casinha), respectivamente. Escreveu duas palavras utilizando uma letra para cada sílaba: “campo de futebol” (COIUIB) e “escorregador” (EOEAO). Para construir a frase “EU GOSTO DE IR NA TIROLESA”, utilizou apenas vogais.

Primeira avaliação da aluna Mariana - 11/04/2012

BAEIO 1	1- <u>B</u> ALANÇO
CAIA 2	2- <u>C</u> ASINHA
IOEIA 3	3- TIROLESA
EOEAO 4	4- ESCORREGADOR
DVET 5	5- SORVETE
AVTE 6	6- ÁRVORES
COIUIB 7	7- CAMPO DE FUTEBOL
LOLA 8	8- LOJA
BEON 9	9- BANCO
UAET 10	10- GENTE
EOEIAIOEA	Frase: EU GOSTEI DE IR NA TIROLESA

Na segunda avaliação, realizada no dia 11 de maio, Mariana escreveu a palavra “dono” (dono de uma empresa) corretamente, como também “EU” no início de sua frase. A aluna escreveu “VOLE” para a palavra “vôlei”, o que podemos considerar que se aproxima bastante do que seria a escrita correta da palavra.

## Segunda avaliação da aluna Mariana – 11/05/2012

1 JOONDA BAE.	1- JOGO DA BARBIE
2 VOLE	2- <u>VÔLEI</u>
3 PEHPE	3- PEGA PEGA
4 DONOLIMAPEZA	4- <u>DONO</u> DE UMA EMPRESA
5 BOLC	5- BONECA
6 ULADA	6- PULAR CORDA
7 JOULIPITULA	7- JOGO DE PINTAR UNHA
8 USILO	8- URSINHO
9 BUMOLALO	9- BANCO IMOBILIÁRIO
10 JOUDADLE	10- JOGO DA POLLY
EUOCMIBO	
	Frase: EU JOGO COM O MEU PRIMO.

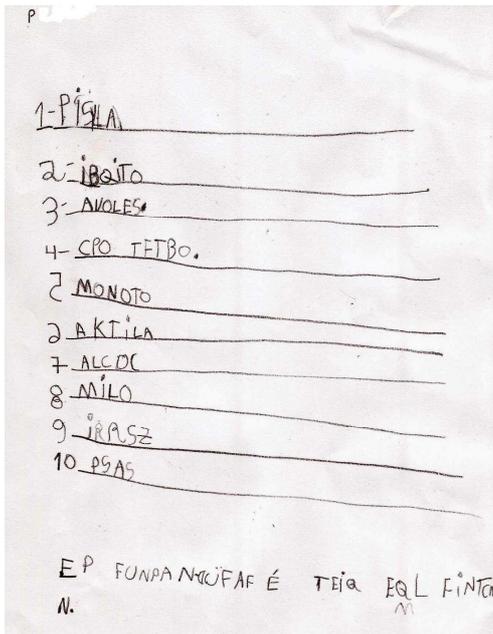
Comparando as duas produções, deve-se destacar que as palavras escolhidas pela aluna na segunda avaliação são mais complexas do ponto de vista linguístico. A aluna começou a escrever “banco imobiliário”, então percebi que ela demorou um pouco mais para escrever “imobiliário”, mas, mesmo assim, a deixei finalizar a escrita e, em seguida, pedi que escrevesse ao lado somente a palavra “banco”. Primeiramente a aluna escreveu “BU”, como está no início da palavra escrita anteriormente (BUMOLALO), porém apagou a última letra e acrescentou um “S” e o “U” novamente e a palavra ficou “BSU”. Comparando a escrita da palavra “banco” na primeira avaliação (BEON) com a escrita desta última, não é possível dizer que houve um avanço expressivo.

#### 4.2.3 Paulo

Na primeira avaliação do aluno Paulo, percebi a tentativa de relacionar letra e som, porém, por vezes, ele acabou trocando a ordem das letras, como, por exemplo, na escrita da palavra “lago”: iniciou com a letra “a” e depois escreveu a letra “l”.

Na maioria das palavras, escreveu a letra inicial, ou a sílaba inicial, corretamente, por exemplo: pracinha (PISLA), monumento (MONOTO), pessoas (PSAS).

## Primeira avaliação do aluno Paulo – 29/03/2012



- 1- PRACINHA
- 2- BRINQUEDO
- 3- ÁRVORES
- 4- CAMPO DE FUTEBOL
- 5- MONUMENTO
- 6- ACADEMIA
- 7- LAGO
- 8- MOINHO
- 9- TIROLESA
- 10- PESSOAS

Frase: EU FUI NO PARCÃO NA QUARTA E TAMBÉM BRINQUEI PORQUE ERA FINAL DE SEMANA.

Na segunda avaliação realizada no dia 2 de maio, o aluno escreveu com a letra cursiva. Escreveu 3 palavras corretamente: macaco, bola e arma (arma com água). Com relação aos erros, fica visível a troca de “nh” pelo “lh”, como aparece na primeira palavra (“pasarilho” - passarinho), na terceira (“parsilha” – pracinha) e na nona palavra (“pita de carilho” - pista de carrinho). O aluno acaba modificando a posição das letras em palavras com encontros consonantais como, por exemplo, quando escreve “parsinha” (pracinha), trocando a posição das letras na primeira sílaba, como também na palavra “perta” (preta).

## Segunda avaliação do aluno Paulo – 29/03/2012



- 1- PASSARINHO
- 2- CARA A CARA
- 3- PRACINHA
- 4- VIDEO GAME
- 5- MACACO
- 6- DRAGÃO
- 7- BOLA
- 8- ESCONDE ESCONDE
- 9- PISTA DE CARRINHO
- 10- ARMA COM ÁGUA

Frase: A bola é legal porque é preta e branca.

Acredito que, comparando as duas avaliações, é bem visível o significativo avanço na escrita do aluno. Acrescento também que, analisando as avaliações das três crianças, Paulo foi o aluno que mais avançou em seu processo de alfabetização.

## 4 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS: ALGUMAS ANÁLISES

Neste capítulo serão realizadas as análises das estratégias utilizadas pelas professoras participantes da pesquisa. Para isso, as estratégias foram classificadas a partir de dois eixos de análise: estratégias em relação ao controle do tempo e do espaço e estratégias em relação aos erros dos alunos. Tais estratégias foram agrupadas desta forma devido às recorrências percebidas nos dados presentes nos diários de campo e nas entrevistas.

### 4.1 ESTRATÉGIAS EM RELAÇÃO AO CONTROLE DO TEMPO E DO ESPAÇO

Na primeira parte desta subseção, analisarei as estratégias em relação ao tempo, para, em um segundo momento, examinar as estratégias em relação ao espaço. Apresentarei excertos do diário de campo, primeiramente sobre a prática da professora Karen, e, em seguida, sobre a prática da professora Zilda. Juntamente a estes trechos do diário, estão incluídos exemplos das atividades propostas pelas professoras.

Dorneles (2001) discute sobre a aprendizagem e as diferentes áreas que acabam contribuindo para entendermos melhor este processo. Sobre as contribuições na área da psicologia, a autora afirma que a diversidade de tempos é um dos fatores fundamentais para a aprendizagem. Ao lançar mão da pergunta: “Por que algumas crianças demoram mais para aprender e outras demoram menos?”, Dorneles (2001, p. 26) afirma que é uma resposta complexa, pois são diversos os fatores que podem determinar este tempo, citando os aspectos ambientais, os aspectos genéticos, os fatores ligados à sociedade e à cultura em que o indivíduo está inserido e a qualidade das interações, assim como também menciona aspectos internos do indivíduo (história de vida, fatores psicológicos). São essas ligações de fatores, que, de certa forma, determinam se um aluno vai necessitar de um tempo maior ou não para aprender.

A partir destas reflexões da autora, podemos dizer que cada aluno tem o seu tempo para aprender, porém esta aprendizagem é delimitada pelo tempo da escola. Sendo assim, as professoras acabam criando estratégias para que os alunos avancem em suas aprendizagens na tentativa de cumprir os objetivos previstos para cada ano, ou em um determinado tempo. As estratégias em relação ao tempo, criadas pelas professoras observadas são bem distintas. No

caso da professora Zilda, as estratégias analisadas são focadas no aluno observado, Paulo. A professora Karen utilizou tais estratégias para o controle de toda a sua turma que, de certa forma, afetaram também os alunos observados, Eduardo e Mariana.

O ambiente da sala de aula da professora Zilda era muito silencioso, demonstrando que os alunos já haviam aprendido a forma como a professora trabalhava. A postura da turma da professora Karen era bastante diferente. A maioria dos alunos conversava bastante e a grande movimentação da turma era constante, mas se intensificava quando a professora saía da sala. Durante as observações, foram registradas saídas frequentes desta professora para realizar atividades relacionadas às aulas ou não.

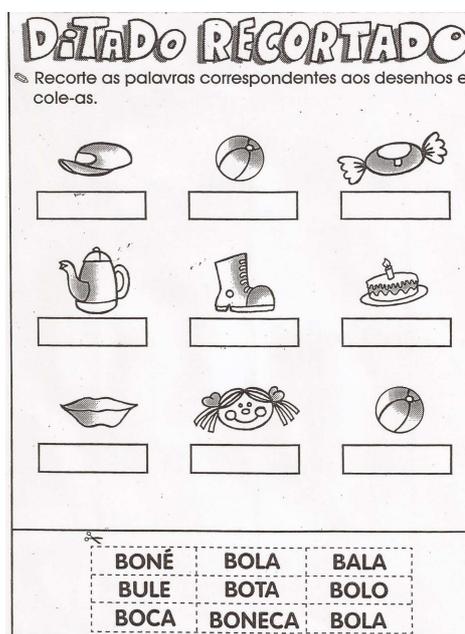
No excerto abaixo advindo do diário de campo, a professora Karen solicita aos alunos que terminem a atividade no tempo previsto, alertando-os que não deixará levarem as atividades propostas em aula para serem finalizadas em casa. Enquanto alguns colegas arrumam o material para o horário da saída, Eduardo ainda estava na primeira folha. Para ele e mais dois colegas, Karen avisou que não teriam o recreio no dia seguinte para terminar a primeira folha, o que de fato ocorreu. A contradição se deu quando Karen permitiu a alguns alunos, que já teriam feito parte das tarefas, levarem as atividades e terminá-las em casa.

**A professora insiste, fala com toda a turma que todos devem terminar as atividades no tempo previsto, pois ela não irá mais dar tanto tempo para concluírem. Também avisa que ninguém mais levará as atividades de aula para casa, e sim terminarão em sala de aula, perdendo o recreio na aula seguinte. Às 17h15min pede para se organizarem para irem embora e passa entre as classes para ver quem não terminou a primeira atividade. O aluno Eduardo e mais dois alunos não terminaram a primeira folha, então a professora comunica que eles irão terminar no recreio da aula do dia 29 (quinta-feira). Ao escutar a professora, Eduardo se apressa, mas ele não tinha acabado de pintar e não tinha começado a recortar a folha. Por fim, a educadora diz que a segunda folha, para quem não terminou, ficará de tema. (Diário de Campo, 28/03/12)**

Primeira folha de atividades do dia 28/03/12 (Professora Karen)



Segunda folha de atividades do dia 28/03/12 (Professora Karen)

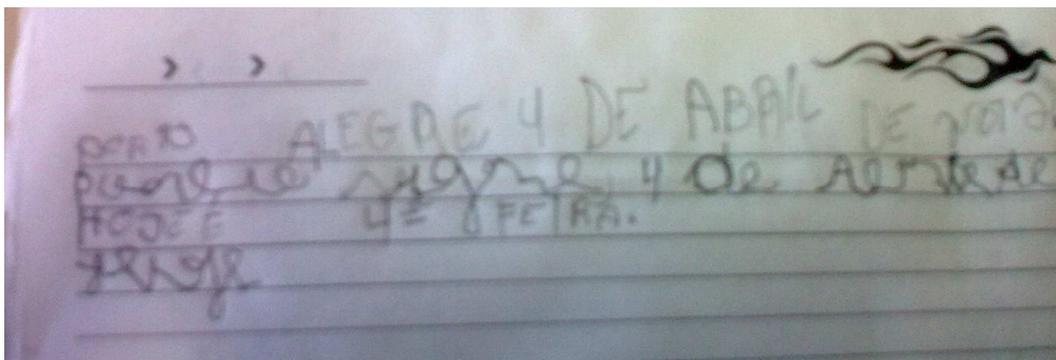


O segundo trecho se refere ao dia em que a professora alertou os alunos para que terminassem as atividades, pois era dia de recreação: momento em que os alunos brincam no pátio.

Às 16 horas e 50 minutos a professora avisa a todos que é dia de recreação e que devem se apressar se querem brincar no pátio. Ao receber o aviso da professora, noto que Eduardo demonstra querer terminar rapidamente de escrever a data e realmente percebo o aluno copiar. **Cinco minutos depois, ela diz aos alunos que terminaram a data e que pelo menos já iniciaram a cópia do exercício de completar que poderiam guardar o material.** A professora chama atenção do aluno Eduardo e de mais de 4 colegas e anuncia que eles não irão para o pátio já que não copiaram a data. Karen observa os alunos copiarem. **Cinco minutos se passam e ela desiste, acaba voltando atrás, permitindo que esses alunos também brinquem no pátio.** (Diário de Campo, 04/04/12)

Neste segundo excerto, indico que o aluno Eduardo tentou se apressar para terminar a atividade, mas, mesmo com um esforço aparente para acabar, não teve o resultado esperado. Na semana dos dias 4 e 5 de abril, a data foi registrada através de dois tipos de letra: a letra “bastão” e a letra “cursiva”. No dia 4 de abril, Karen escreveu a data às 16 horas e 15 minutos, porém, às 16 e 50 minutos, horário em que ela alertou sobre a recreação, o aluno Eduardo ainda copiava. A imagem a seguir do caderno do aluno demonstra que o registro da data ficou incompleto.

Registro da data do dia 04/04/12 pelo aluno Eduardo<sup>7</sup>



Relacionando as duas situações relatadas nos trechos dos diários, podemos perceber que a professora Karen utilizou-se de ameaças para que os alunos terminassem as atividades, dizendo que iria tirar o recreio ou a recreação. Depois de proferidas as ameaças, a professora acabou cumprindo-as em parte, pois apenas no caso do primeiro excerto ela deixou realmente os alunos sem o recreio.

Como foi citada nesta subseção, a professora Karen se ausentou da sala de aula algumas vezes. Na quinta semana de observação, registrei a fala de duas alunas sobre a saída da professora:

Karen avisa aos alunos que terá que sair por alguns minutos, pois precisa falar com o pai de um aluno, mas que irá deixar uma atividade para turma.  
A grande maioria da turma conversa e o tom de voz aumentava com o tempo. Uma aluna que estava próxima a mim falou: “Tu sabe que quando a prof. não tá eles ficam conversando?”. A colega sentada na frente dela completou: “e quando ela tá também”. (Diário de campo, 19/04/12)

A partir da fala das alunas, parece que o comportamento da turma não se modifica muito quando a professora está ou não em sala de aula. Não é possível afirmar com precisão, mas é possível inferir que é comum ela ficar ausente. Essa ausência fazia com que os alunos conversassem mais e se concentrassem em outras atividades. Isso foi notório nas saídas recorrentes da professora que presenciei quando eu estava em período de observação: quanto mais tempo a professora ficava ausente, mais os alunos conversavam e brincavam.

No caso da professora Zilda, durante as observações, algumas vezes percebi que a turma estava muito silenciosa. Posso afirmar que até em momentos em que esperamos que os alunos conversem mais, como na volta do recreio, esta turma continuava em silêncio. Em situações contrárias, momentos em que a turma, por alguma razão, estava conversando em um tom de voz mais alto, a professora agia imediatamente, solicitando a atenção de todos. Zilda estava sempre atenta ao que a turma estava fazendo, andava pela sala e observava as

<sup>7</sup> Esta imagem já foi apresentada na seção 3.1.1, mas para tratar sobre outro aspecto.

atividades sendo realizadas. Como explicitado no capítulo 3, o tempo para a realização das tarefas era bem rígido em comparação ao da turma da professora Karen, o que possibilitava uma maior diversidade de atividades propostas pela professora Zilda.

Trago dois excertos nos quais a professora Zilda acompanha o aluno Paulo realizando uma tarefa:

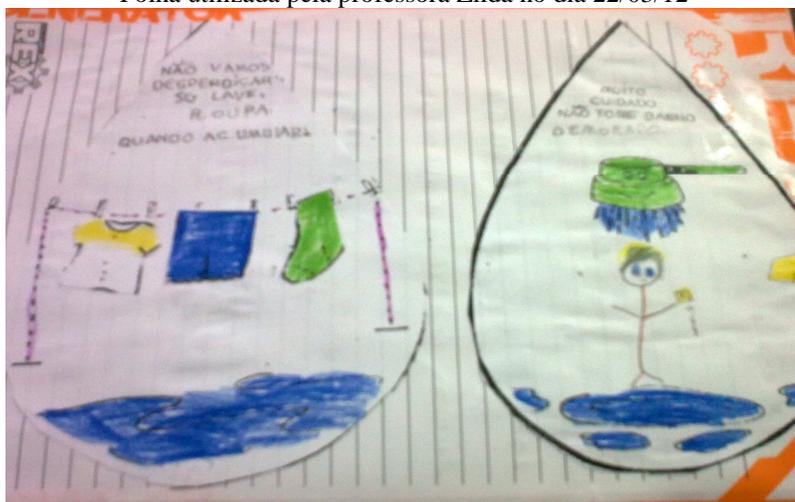
A professora Zilda entregou rapidamente as folhas aos alunos. Quando ela passou pelo aluno Paulo, disse que ele devia se agilizar porque ele ainda estava recortando a folha anterior e **destacou, diante de toda a turma, que ele “sempre fica por último”**. (Diário de Campo, 22/03/12)

A professora fala, diante de toda turma, que o aluno “sempre fica por último” na conclusão das atividades propostas. Neste mesmo dia, tiveram outros momentos em que ela solicitou que o menino se apressasse para terminar a folha de atividades, como mostra o excerto seguinte.

Zilda escreveu as frases no quadro e pediu que eles copiassem, já que estavam um pouco apagadas. Também é entregue aos alunos outra folha, com desenhos de roupas, que deverão ser recortadas e coladas na primeira gota. A educadora chamou atenção do aluno Paulo novamente, falando “Vamo, Vamo”. [...]  
É entregue aos alunos, uma terceira folha de “gota” [...]  
Quando entregou para o aluno Paulo esta terceira folha, disse: “te dou dois minutos para acabar isso aqui [a segunda folha].” (Diário de Campo, 22/03/12)

A folha entregue aos alunos era basicamente para pintar e colar no caderno. A atividade de escrita ocorreu não por uma intenção pedagógica da professora, mas porque o texto estava ilegível e precisou ser copiado do quadro pelos alunos. Abaixo está uma imagem da atividade com a segunda folha finalizada.

Folha utilizada pela professora Zilda no dia 22/03/12



Analisando as falas da professora Zilda para o aluno Paulo, parece que ela quer que o aluno termine as tarefas em um tempo bem determinado. Foram três intervenções em um tom bastante rígido, pois, como fica mais claro na primeira intervenção, ela avisa diante de toda a turma que o aluno se atrasa ao realizar as atividades. A partir da contextualização da sala e diante das falas da professora, fica mais visível que Zilda tinha como objetivo que todos os alunos seguissem um mesmo ritmo.

Esses trechos analisados que dizem respeito à prática da professora Zilda se referem à primeira semana de observação, mais especificamente, ao segundo dia. Nas semanas finais de observação, tais intervenções não foram mais vistas. Uma das suposições para justificar essa mudança de postura da professora é que ela percebeu que o aluno Paulo avançou na aprendizagem e que, assim, não precisaria mais realizar este tipo de intervenção. Outra hipótese a se considerar é que o aluno, junto a esse avanço significativo, tenha alcançado o ritmo/tempo da turma.

As estratégias em relação ao tempo eram muito distintas entre as duas professoras. Pode-se dizer que a professora Zilda realizava mais intervenções, tendo mais “controle” do tempo utilizado em sala de aula. As intervenções feitas pela professora, mesmo sendo enquadradas em momentos como “rígidas”, contribuíram para o avanço de Paulo. No caso da professora Karen, não há um registro pontual de alguma estratégia relacionada ao tempo, realizada com os alunos observados, Eduardo e Mariana, que tiveram um tímido avanço na aprendizagem.

Com relação às estratégias de controle do espaço, trago dois excertos da entrevista realizada com as duas professoras. Os excertos se referem à resposta que cada uma fala sobre a pergunta: “Quais estratégias você utilizou para possibilitar os avanços do aluno?”.

Karen: O que eu tento fazer é ficar mais atenta. **Agora tentar colocar ele [Eduardo] sentado do meu lado, mas o problema é que ele não é o único que tem necessidade.** Tinha o “A”, aí o “A” saiu. **O que eu faço é colocar sentado do meu lado e sentar, ficar, tentar interagir com a criança ali.**

Assim como eu tô fazendo com o “G” e o “D”, **vou deixar eles [Eduardo e Mariana] mais próximos de mim.** E **motivação, motivar, ficar em cima e cuidar.** Como a turma tem mais alunos, é complicado: o que dá pra fazer é pegar eles, ficar mais perto deles. (Entrevista da professora Karen)

Zilda: Bom eu... Deixa eu ver onde ele sentava. **Ele sentava lá (apontou para o fundo da sala).** Ele ficava igual a um passarinho, cuidando tudo que acontecia. **“Arrastei” ele pra cá. Primeiro lugar, puxei ele pra perto. Eu acho que foi o que valeu. Toda hora eu vejo o que ele faz, o que ele não faz, o que ele deixa de fazer.** Aí tu fica “empurrando”, chamando a atenção. Eu me agarro nisso e vejo que dá certo. (Entrevista da professora Zilda)

A professora Karen fala de uma estratégia que pretende realizar, que é a de colocar Eduardo e Mariana próximos a ela. Completa que vai “motivar os alunos, ficar em cima”. A professora Zilda conta que ter mudado Paulo de lugar, colocando-o próximo a ela, foi o que ajudou bastante no avanço do aluno. Disse que fica “empurrando”, sempre chamando atenção do aluno e vendo o que ele faz ou não.

Sendo assim, as duas professoras acreditam que deixar os alunos próximos a elas pode ajudar no avanço das aprendizagens, porém cada uma tem uma postura no que diz respeito a auxiliar estes alunos. Zilda é mais enfática, dizendo o que o aluno deve fazer ou não. Karen diz que irá ficar mais atenta, mas, no final de sua resposta, se justifica dizendo que a turma é grande e é difícil ajudar a todos. A partir destas falas, posso destacar que o nível de controle das professoras é diferente.

Soares (2004, p. 9) aborda sucintamente sobre a reorganização no tempo escolar devido à implantação do sistema de ciclos como sendo um dos pontos que pode ter ocasionado a perda de especificidade da alfabetização. Destaca a progressão continuada como sendo uma iniciativa positiva, porém alerta que pode trazer “uma diluição ou uma preterição de metas e objetivos a serem atingidos gradativamente ao longo do processo de escolarização” e, quando mal concebida, pode gerar um “descompromisso com o desenvolvimento gradual e sistemático de habilidades, competências, conhecimentos”, pois se sabe que, de qualquer forma, o aluno irá passar para o ano seguinte.

Na situação de entrevista, ao ser questionada “O que você entende sobre “progressão continuada? Qual seria o objetivo?” Karen respondeu:

Karen: Objetivo... assim, como tudo tem os dois lados. **Eu acho que para a autoestima, pra criança se sentir incluída na escola, não é uma má idéia ela seguir sem repetir o ano, seguir.** Mas seguir de que forma? Também seguir e se sentir perdida aonde tá seguindo, tem que seguir, mas seguir amparada, com um apoio. Coisas que a gente não tem tanta estrutura assim. Devia ter uma outra professora, que desse mais uma orientação, mais atenção para esses casos. **Progressão, eu acho que pelo lado bom, porque aquela coisa, a criança vai e não passa, isso marca a criança negativamente, o medo também, aprender com o medo de que “ah, eu vou ser reprovada”.** (Entrevista da professora Karen)

Comparando os argumentos de Soares (2004) com o relato da professora Karen, pode-se inferir que não há um trabalho voltado para o aluno Eduardo e a aluna Mariana com objetivos mais claros e com uma prática mais específica para a alfabetização. Na entrevista, Karen afirma que a progressão continuada contribui para que a autoestima do aluno seja “preservada”.

## 4.2 ESTRATÉGIAS EM RELAÇÃO AOS ERROS DOS ALUNOS

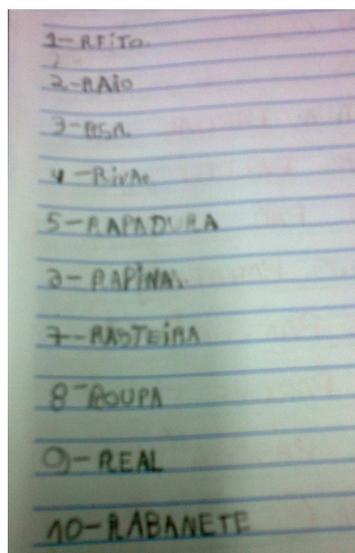
Scoz (1994, p. 105) afirma que as professoras precisam diferenciar os “tipos” de erros cometidos pelos alunos, “discernindo os erros que são construtivos, por ocorrerem em função de uma hipótese, daqueles que não o são, por não significarem avanços na forma de pensar”. A partir desta afirmativa, trazendo-a para a problemática desta pesquisa, é preciso entender que cada erro demanda um tipo de estratégia, “uma vez que exigem condutas pedagógicas diferentes para a sua eventual superação”.

Nesta subseção, trago quatro excertos do diário de campo para analisar as estratégias utilizadas pela professora Zilda em relação aos erros do aluno Paulo e dois excertos da entrevista e do diário de campo para análise das estratégias da professora Karen. Início com as intervenções da professora Zilda:

Após o término do ditado, **a professora pediu para cada aluno ler as palavras que escreveu como forma de ver se tinha algum erro.** Completou que deveriam escolher uma palavra, escrevê-la novamente e desenhar.  
Em alguns momentos, percebi que a professora ajudou o aluno, indicando que certas palavras estavam incorretas. (Diário de campo, 29/03/12)

Aqui são destacadas as intervenções da professora no momento de um ditado. Na primeira intervenção, a professora, após o fim da atividade, pede aos alunos para lerem o que escreveram como forma de verificar se não tinha nenhum erro. Também avisou ao aluno Paulo que algumas palavras estavam erradas, que ele deveria corrigir. Nos dois casos, a professora não disse aos alunos o que estava errado, pedindo para apagar determinada palavra ou uma letra “deslocada”, ao contrário, pediu que olhassem o que fizeram, pois assim eles poderiam pensar no que escreveram e corrigir o próprio erro. É preciso destacar que Zilda estava realizando uma avaliação, então ela não poderia falar “a resposta” para os alunos, pois tinha o objetivo de ver como estava a escrita de cada um; sendo assim, ela encontrou outras formas de auxiliá-los, sem informar o que deveriam escrever ou corrigir.

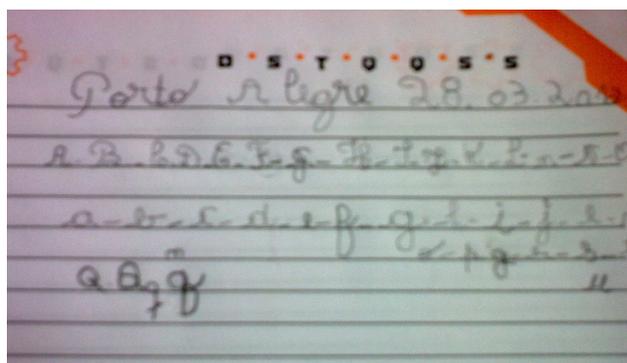
Registro do ditado realizado no dia 29/03/12 pelo aluno Paulo



No dia 28 de março, a professora Zilda, com intuito de ensinar o traçado cursivo da letra “q”, chamou cada um dos alunos ao quadro para reproduzir novamente o que ela escreveu: a letra “q” no traçado cursivo e de forma em quatro tipos diferentes, letras minúsculas e maiúsculas. Ela foi chamando os alunos aos poucos, fileira por fileira. Paulo fazia parte da terceira fileira a ser chamada, da qual era o primeiro. Mesmo sendo o primeiro desta fileira e estando mais próximo do quadro, ele acabou sendo o último a se levantar e a se aproximar para a realização da atividade, indicando, provavelmente, certa insegurança em se colocar diante da turma. Abaixo trago um excerto sobre o momento em que Paulo foi ao quadro e a respectiva intervenção da professora.

Paulo escreve muito calmamente no quadro, quando escreve a letra “q” (minúscula), a professora interfere: “esse é o G, tu fez a volta pelo lado errado”. Percebo que, quando ela vai ajudar um aluno, sua voz é carregada de uma rigidez excessiva. [...] os alunos mal tinham começado a escrever a letra e ela já dizia que estava errado porque não tinham iniciado da maneira como ela tinha ensinado no quadro. (Diário de campo, 28/03/12)

Registro da escrita do aluno Paulo realizada no dia 28/03/12<sup>8</sup>



<sup>8</sup> Esta imagem foi utilizada na subseção 3.1, mas para analisar outro aspecto.

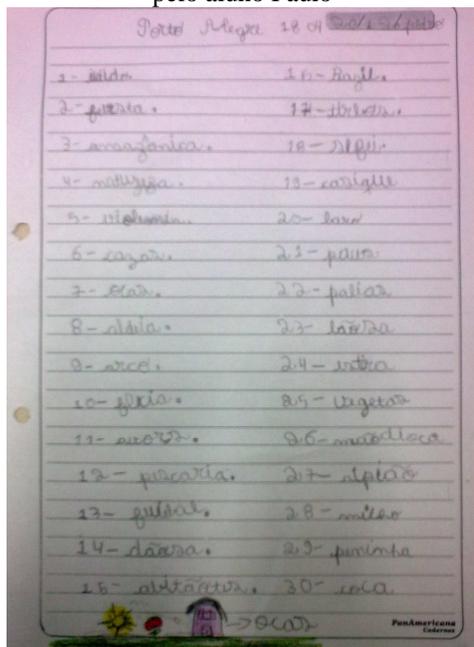
Analisando a intervenção da professora Zilda descrita acima, penso que posso analisar a sua estratégia por dois caminhos. O primeiro ponto a pensar e a demarcar novamente é que o foco da professora era o ensino do traçado cursivo, então o detalhamento, a postura de não deixar o aluno iniciar a escrever a letra por outra e sim da mesma maneira que ela ensinou era a forma de ela cumprir o seu objetivo. Deve-se considerar que ela falava tentando dar as “instruções” para os alunos em um tom um pouco agressivo. Considerando isso, a postura de o aluno adiar, demorar a ir ao quadro é um indício de que Zilda pode ter intimidado o aluno, devido a sua rígida postura ao ensinar.

O excerto que segue diz respeito a uma estratégia bem distinta da anterior, pois a professora ajuda o aluno a escrever a palavra corretamente buscando a relação grafema/fonema, falando a palavra algumas vezes para o aluno perceber o som representado pelas letras. O contexto desta estratégia é a realização de um ditado: a professora ditou 30 palavras que foram retiradas de um texto lido pela turma no dia anterior. Enquanto ela ditava as palavras, observava os alunos escreverem. Após ter falado a palavra “floresta”, ela passou pela mesa do aluno Paulo e avisou que ele deveria corrigir o “início” da palavra, pois estava errado. A estratégia dela foi falar a palavra, demarcando bem o início, pronunciando calmamente a primeira sílaba, “flo”. O aluno acabou apagando o início da palavra, e a professora passou a olhar o que os outros alunos escreviam. Como o ditado se tratava de uma avaliação, a professora não podia dizer diretamente a resposta, mas construiu outras estratégias como forma de “alertar” o aluno, como no primeiro excerto desta subseção que também se tratava de um ditado. Por fim, o aluno apagou e escreveu de outra forma, porém não ficou claro o que ele escreveu.

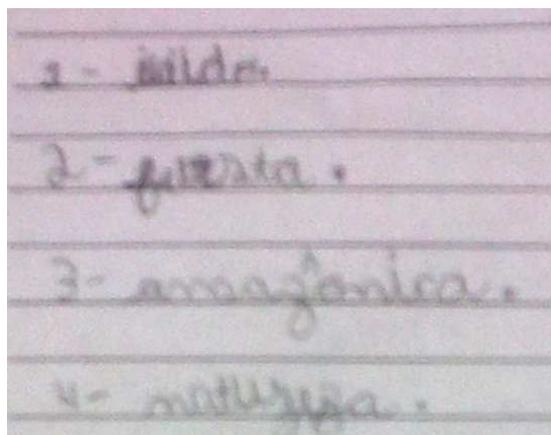
Abaixo está o excerto do diário e a imagem do ditado feito pelo aluno Paulo.

A segunda palavra foi “floresta”. A professora, ao falar a palavra, marcou bem a primeira sílaba, repetindo algumas vezes. Ela passou pelas classes, inclusive na do aluno Paulo. Zilda diz que ele tem que corrigir a palavra, pois o início está errado (ele escreveu primeiramente “forsta”), **então pede que ele preste atenção no som (Zilda fala novamente a palavra), e ele apaga e escreve de outra forma.** Também não fica claro se o aluno tenta escrever a letra “l”, ou a letra “u”. (Diário de Campo, 18/04/12)

Imagem do ditado realizado no dia 18/04/12  
pelo aluno Paulo



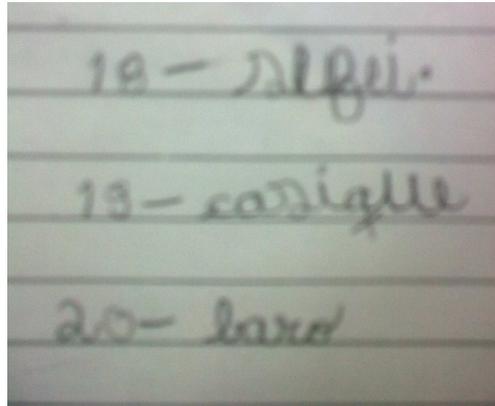
Destaque para a palavra nº 2: floresta



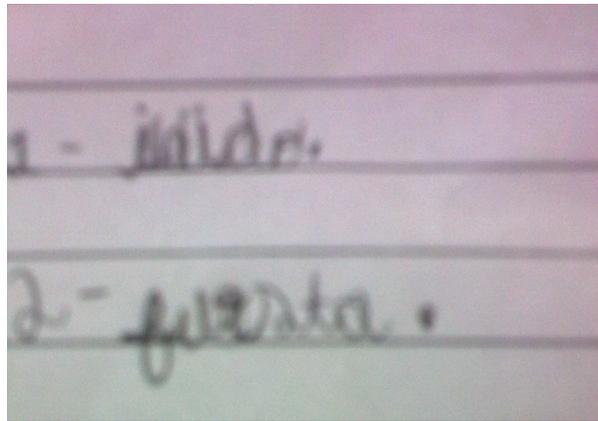
A análise do excerto seguinte se refere ao mesmo ditado relatado anteriormente, realizado no dia 18 de abril. Neste caso a estratégia utilizada pela professora Zilda é construída a partir de regras de ortografia. A professora ditou a palavra “índio” e uma aluna perguntou se deveria escrever com “m” ou “n”. Zilda escreveu no quadro, indicando que “m” deve ser escrito antes de “p” e “b”. Em outro momento, a professora ditou a palavra “cacique” e rapidamente completou que a letra “q” deve ser acompanhada da letra “u” e de outra vogal em seguida. Nessas duas situações, Paulo demonstrou estar atento aos comentários de Zilda, pois apagou o que estava escrito e escreveu novamente. No caso da palavra “índio”, não fica muito claro o que o aluno escreveu, porém é perceptível o final da palavra que fica “-dos”, indicando que estaria errada. A palavra “cacique” foi escrita inicialmente sem o “u” e o “e”, ficando “casiq”. Após a explicação sobre a letra “q”, ele acrescenta as vogais e escreve corretamente.

A primeira palavra do ditado foi “índio”. Não fica claro para mim como ele escreve esta palavra, já que ele apagou e escreveu novamente por cima algumas vezes e, como não apagou muito bem, isso dificultou a nitidez. A educadora falou a palavra uma vez e logo uma aluna perguntou se ela deveria escrever com o “m” ou com o “n”. Zilda não falou a resposta, mas ela escreveu no quadro a regra do “m” que só deve ser escrito antes do “p” e do “b”. Foi depois desta explicação que o aluno Paulo corrigiu o que ele tinha escrito. Também devo salientar que a **palavra número 19 teve um auxílio da professora Zilda**. Primeiramente ele escreveu “casiq”, mas Zilda falou para toda a turma que o “q” sempre irá vir acompanhado pelo “u” e outra vogal. Ela exemplifica escrevendo no quadro. (Diário de campo, 18/04)

Destaque para a palavra nº 19: cacique



Destaque para a palavra nº1: índio



Nos dois momentos, a professora tem como o apoio o quadro para explicar aos alunos duas regras da língua portuguesa. Zilda não fala a resposta diretamente, mas explica as regras ortográficas aos alunos, dando subsídios para que eles possam escrever corretamente.

Para análise das estratégias da professora Karen, trago dois excertos: um da sua entrevista e outro do diário de campo. Em relação à entrevista, Karen justifica o seu posicionamento a partir de um ponto de vista mais “psicológico”, afirmando que, se o aluno realizou a atividade, porém está incorreta e ele tem conhecimento disto, ele não terá autoestima e não conseguirá avançar em suas aprendizagens. Assim, mesmo que o aluno tenha realizado algo inadequado, ela não avisa sobre o erro; ao contrário, elogia as produções.

Karen: Ela está fazendo, está tentando. Uma coisa que eu faço: **eu elogio muito, tá tudo errado e eu digo “tá maravilhoso”, pra elogiar sabe.** A criança, com auto-estima, ela segue adiante. Se está errado, ela desanima e não vai. E mesmo que eu veja que está tudo errado, eu nunca digo que está errado, eu digo: “que bom, tá indo, tá chegando lá”. Claro, depois eu reescrevo do lado. (Entrevista da professora Karen)

Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p. 218) afirmam que o saber docente é um saber plural, pois a prática pedagógica integra diferentes saberes. Os autores citam: os saberes da formação profissional, saberes das disciplinas, saberes dos currículos e da experiência. Gostaria de destacar um desses saberes, os saberes das disciplinas. Tais saberes seriam os aprendidos através das disciplinas na graduação. Relacionando o que esses autores analisam sobre os saberes docentes com o que foi registrado na entrevista da professora Karen, pode-se supor uma prevalência do campo da psicologia no processo de formação da professora em relação a estudos de outras áreas do conhecimento.

Soares (2004, p. 11) destaca a pesquisa de Emilia Ferreiro de Ana Teberosky, “Psicogênese da língua escrita”, como sendo um marco importante no que diz respeito ao processo de aprendizagem da língua escrita. É preciso, “entretanto, reconhecer que ela conduziu a alguns equívocos e a falsas inferências, que podem explicar a *desinvenção* da alfabetização”. Abaixo há um excerto que contribui para que se possa entender a posição da professora Karen em não dizer aos alunos o erro que foi cometido, privilegiando a faceta psicológica da alfabetização que Soares justifica sendo como o processo de aquisição da escrita defendido na psicogênese.

Em primeiro lugar, dirigindo-se o foco para o processo de construção do sistema de escrita pela criança, passou-se a subestimar a natureza do objeto

de conhecimento em construção, que é, fundamentalmente, um objeto lingüístico constituído, quer se considere o sistema alfabético quer o sistema ortográfico, de relações convencionais e freqüentemente arbitrárias entre fonemas e grafemas. Em outras palavras, privilegiando a faceta psicológica da alfabetização, obscureceu-se sua faceta lingüística – fonética e fonológica. (SOARES, 2004, p. 11)

O estudo de Ferreiro e Teberosky (1985) também sugere que apenas com o convívio intenso com o material escrito circulante nas práticas sociais a criança se alfabetiza. Então, fazendo o contraponto com o excerto da entrevista da professora Karen, pode-se inferir que, assim como na psicogênese, o processo de alfabetização está a cargo quase que apenas da criança.

Em relação às observações, é importante destacar que o excerto a seguir foi o único momento registrado nos diários em que a professora auxiliou a aluna Mariana.

Karen apontou para a palavra “Selo”, mas a aluna não respondeu, então a professora completou: “eu tenho o “s” e o “e” que juntos fica “se”, e depois o “l” e o “o” que fica “lo” (esta última sílaba foi a aluna que respondeu). Ela pede que a aluna leia novamente, mas acaba respondendo incorretamente, falando a palavra “sapo”. A professora explica que esta palavra começa com “se” e não com “sa”. Karen pergunta sobre outra palavra e a aluna responde corretamente, lendo “suco”. (Diário de campo, 19/04/12)

Folha de atividades proposta no dia 19/03/12 pela professora Karen



Karen solicitou que a aluna Mariana lesse uma palavra da folha de atividades. Esta folha era uma atividade solicitada pela professora que tinha como objetivo que os alunos lessem as palavras, as recortassem e colassem embaixo do desenho correspondente. Para auxiliar a aluna nesta atividade, a professora foi perguntando aos poucos o nome de cada letra, para formar sílabas e depois juntá-las. Em um primeiro momento, a aluna errou, mas a professora retomou a intervenção e em seguida a aluna acertou a resposta.

Já para o aluno Eduardo, não foi registrado nenhum momento em que a professora o ajudou nas atividades. De uma forma geral, as interações entre a professora e os dois alunos observados foram mínimas. Em um momento da entrevista, quando foi questionada sobre o que tem feito para implementar a progressão continuada em sala de aula, ela respondeu:

Karen: Aqueles que tem maior dificuldade, tô tentando dar uma atenção especial, dando mais motivação, mais carinho, porque eu acho que um pouco é afetivo. O Eduardo, ele é prejudicado porque ele é tão quieto, tão quieto, que ele nem aparece em sala de aula, eu acabo até esquecendo dele. Acabo dando atenção para os outros e esqueço dele. Ele é tão parado, tão quieto. Eu fico impressionada com isso, de tão parado que ele é. (Entrevista da professora Karen)

Como o aluno Eduardo não conversava, não atrapalhava o andamento da aula, ele acabou sendo esquecido. O que prevalece nesta situação é que quem acaba recebendo atenção da professora não é aquele aluno que necessariamente necessita de mais auxílio para avançar no que diz respeito à alfabetização, mas aquele aluno que interfere na aula e que, supostamente, deve ser controlado.

## 5 JUSTIFICATIVAS PARA A NÃO APRENDIZAGEM

Nesta subseção apresento as justificativas das professoras Karen e Zilda para a não aprendizagem dos alunos observados. Tais justificativas foram agrupadas a partir de três aspectos marcantes: participação da família, falta da maturidade e aspectos emocionais. Para exemplificá-las, trago excertos da entrevista realizada com as professoras.

Inicialmente, destaco a participação da família no processo de aprendizagem dos alunos. Cabe ressaltar que Karen e Zilda expressam seu posicionamento com base nas distintas formas de participação das famílias dos alunos observados. Karen, de certa forma, culpabiliza a família do aluno Eduardo pela sua não aprendizagem. Zilda não questiona a participação da família do aluno Paulo, e sim, apóia a postura da mãe e lhe atribui grande importância pelos avanços do aluno. Desta forma, trago inicialmente um excerto da entrevista com a professora Karen e, em seguida, um excerto da entrevista com a professora Zilda.

O excerto abaixo é um recorte da resposta que a professora Karen apresenta após ser questionada sobre como descreveria o aluno Eduardo.

Além dele já ter dificuldade, precisa de um apoio maior porque ele tem dificuldade de aprendizagem. A própria rotina dele não está colaborando porque ele tem que brincar, fazer exercício, fazer esporte, viver na rua, fica só em casa parado ou dentro de um ônibus, porque pega 4 ônibus em um dia. **Acho que a rotina não tá colaborando, porque ele precisa de apoio, mas a família não se dá conta**, acredita que a melhor forma para ele é estudar aqui, porque é perto do trabalho do pai. Mas ele é muito parado. (Entrevista da professora Karen)

Karen questiona a rotina da família do aluno Eduardo. A professora conta que eles precisam acordar mais cedo por causa da distância do trabalho dos pais e da escola do filho e também dependem do transporte público. Nas palavras dela, é uma rotina bastante difícil. A professora diz que já falou muitas vezes com os pais para que eles trocassem o aluno de escola para uma mais próxima da casa deles. Percebe-se que Karen atribui um peso considerável à rotina diária do aluno como prejudicial ao seu desempenho na escola e ao fato de a família não colaborar para que esta rotina seja modificada.

Quando perguntei à professora Zilda sobre quais estratégias ela utilizou para possibilitar os avanços do aluno Paulo, ao longo de sua resposta ela afirmou:

[...] E a mãe é muito presente, se ele não tivesse a mãe, meu deus! Eu acho que dá pra contar nos dedos as mães que tem assim. (Entrevista da professora Zilda)

Antes do início das aulas, o aluno Paulo passou por uma intervenção cirúrgica o que o impossibilitou de iniciar o ano letivo junto com os colegas. Quando estava realizando as observações, ele também faltou algumas vezes porque tinha fraturado o braço. A professora Zilda conta que, nos dias em que o aluno não compareceu por causa destes problemas, a mãe do menino ia à escola e buscava as folhas de aula para o aluno realizar as atividades em casa. Desta forma, a mãe possibilitou a comunicação da professora com o aluno, já que ele não deixou de realizar as tarefas propostas em aula. Devido a estes acontecimentos, Zilda valoriza as atitudes e a participação da mãe de Paulo.

Ainda que a questão familiar tenha sido recorrente na fala das professoras, a falta de maturidade foi a justificativa mais mencionada por elas. A professora Zilda demonstra não ser a favor da progressão continuada e justifica a sua resposta dizendo que apenas os alunos “maduros” podem passar de ano. No excerto abaixo, ela faz uma comparação entre o aluno Paulo e um outro aluno (“G”) que, para ela, não deveria ter passado para o 2º ano.

Se ela [a criança “G”] não tem condições de acompanhar os outros, ele [Paulo], por exemplo, eu já vejo que ele tem, mas o “G” não tem. Ele até vai vencer, mas por quê? Porque ele tem estímulo da mãe, estímulo de fora, ele tá todo estimulado, ele tá vendo que todo mundo quer que ele vá, mas olha aí o “outro”. Eu não vejo progressão. **Depende muito da maturidade**, e do interesse da família, **principalmente da maturidade da criança**, eu acho. (Entrevista da professora Zilda)

No caso da professora Karen, quando também foi questionada pelo seu posicionamento em relação à progressão continuada, ela afirma que uma professora não consegue atender a todos os alunos, principalmente quando há alguns que precisam de mais atenção do que outros. Para a professora, o entrave no atendimento desses alunos parece ser uma questão disciplinar, já que a turma não colabora porque “não tem maturidade”. Abaixo trago o excerto.

Uma professora sozinha com 22 alunos não consegue dar atenção para os 22, tendo 4 e 5 com muita necessidade de atenção. Eles não têm aquela maturidade, que agora eu tô dando atenção para esse, “eu vou trabalhar quieto”, tu virou aqui, virou bagunça ali. **Tu tem que tá de olho pra todos ao mesmo tempo, que eles não tem aquela maturidade**, se tu não tá olhando, virou bagunça [...] (Entrevista da professora Karen)

Ao longo da entrevista, a professora Karen utilizou diversas vezes os termos “afetividade”, “emocional”, “autoestima”, sendo esse o terceiro aspecto para a justificativa da não aprendizagem. Na questão sobre a progressão continuada, sobre o que ela estaria fazendo para implementá-la em sala de aula, a professora respondeu.

Aqueles que tem maior dificuldade, tô tentando dar uma atenção especial, dando **mais motivação, mais carinho, porque eu acho que um pouco é afetivo.** (Entrevista da professora Karen)

A professora Karen acredita que a não aprendizagem dos alunos, em parte é devido a um problema afetivo. Em sua fala ela afirma que é “um pouco” afetivo, mas as ações para o auxílio dos alunos prevalecem apenas neste aspecto, não é citada mais nenhuma outra estratégia para auxiliá-los. Em outro momento da entrevista, quando é solicitado que descreva a aluna Mariana, a professora acaba citando também o aluno Eduardo, como é destacado no excerto abaixo.

A Mariana já é mais cheia de vida. É uma criança mais saudável, mais no sentido de... [não completou a frase]. **É porque o Eduardo é muito parado, parece uma depressão, falta de vontade, desanimado.** (Entrevista da professora Karen)

A professora, mesmo sem ter um diagnóstico, insiste nos aspectos emocionais para justificar a não aprendizagem. No trecho acima, quando fala do aluno Eduardo, como também ao longo da entrevista, ela fala por diversas vezes que o aluno é “muito quieto”, “muito parado”. No caso das duas professoras, os trechos demonstram que em nenhum momento elas questionam a sua prática, o “foco” da não aprendizagem sempre é o “outro”: o aluno, a família, um problema emocional.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que este trabalho tinha como objetivo analisar as estratégias utilizadas pelas educadoras no processo de alfabetização daqueles alunos que não atingiram os objetivos previstos no ano anterior, as análises possibilitaram mostrar que as estratégias utilizadas pelas duas professoras eram distintas e produziram efeitos igualmente variados no que diz respeito à aprendizagem das crianças.

Entre os três alunos observados, o aluno Paulo foi o que demonstrou ter tido um maior avanço no processo de alfabetização. Ao longo deste trabalho, ficou visível que há muitos registros em que a professora Zilda o auxilia nas atividades, realizando intervenções linguísticas em relação ao objeto de aprendizagem que é a língua escrita. Também realiza intervenções para controlar o tempo e o espaço no sentido de direcionar esses usos para o foco da alfabetização. Considerando que a professora Zilda utilizou um bom número de estratégias para auxiliar o aluno e que, como descrevo no capítulo 3, ela demonstra ser bastante rígida, por vezes até pressionando o aluno, há que se considerar que tais estratégias contribuíram para o avanço significativo do aluno.

Ao contrário do que ocorreu com Paulo, os outros alunos, Mariana e Eduardo, não tiveram um avanço muito expressivo. Fazendo um contraponto com o caso de Paulo, em que a professora realizou muitas intervenções, o inverso ocorreu na aula da professora Karen. As estratégias realizadas por Karen contemplaram mais a turma de forma geral e houve poucos registros de estratégias pontuais a estes dois alunos observados. Provavelmente, essa falta de interação com os alunos comprometeu possíveis avanços no processo de aprendizagens das crianças.

No que se refere à proposta feita no início desta pesquisa de discutir como a progressão continuada está sendo implementada na escola foco da investigação, retomarei alguns elementos sobre as entrevistas realizadas com as professoras e a supervisora. No caso das professoras, a postura de ambas se baseia em concordar ou não com a proposta. Na apresentação da pesquisa, justifico que aceitar ou não a proposta, não é o suficiente para que avancemos nesta discussão, pois a progressão continuada está ocorrendo e os documentos oficiais sinalizam que a tendência é de ampliar a progressão. Tais documentos citam os três anos iniciais do ensino fundamental como “ciclo da alfabetização” ou “ciclo da infância”, afirmando que a “alfabetização” ocorreria nestes três anos. Na entrevista com a supervisora da escola, fica mais clara esta tendência de que a progressão aos poucos se amplia, pois ela

afirma que a escola recebeu uma orientação da Secretaria Estadual de Educação no ano anterior, afirmando que em 2012 a retenção dos alunos no 2º ano não será mais permitida. Deve-se destacar também que este ano a SEC enviou à escola um “professor apoiador”, para auxiliar o trabalho pedagógico nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, sendo que, no primeiro ano, este “reforço” acontece apenas no segundo semestre do ano letivo.

Tratando ainda sobre o professor apoiador, destaco que o aluno Eduardo foi convocado para ter estas aulas de reforço. A professora Karen contou que o aluno não comparece a estas aulas no período inverso ao da sua aula. Por outro lado, a supervisora admite que este professor apoiador pode acompanhar o aluno no mesmo turno de sua aula, se não consegue comparecer no turno contrário. Ao longo das semanas de observação, o aluno teve este acompanhamento em apenas um dos dias e tal professora apenas olhou o que o aluno estava fazendo e saiu rapidamente da sala.

Diante dos dados aqui apresentados, pode-se afirmar a complexidade do processo de implementação da progressão continuada que exige comprometimento constante com os processos de ensino e aprendizagem. Neste estudo, tal comprometimento não foi constatado de forma equilibrada entre os sujeitos e as instâncias envolvidas na educação dos três alunos acompanhados.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de Nove Anos**: orientações gerais. Brasília, DF: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 9 mar. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares. Para Educação Básica Coordenação-Geral do Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de Nove Anos**: passo a passo do processo de implantação. 2. ed. Brasília, DF Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 9 mar. 2012.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº7/2010**, de 7 de abril de 2010. Brasília, DF, 2010. 78 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 23 maio. 2012.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº4/2008**, de 20 de fevereiro de 2008. Brasília, DF, 2008.3 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 9 mar. 2012.

DORNELES, Beatriz. Conhecimentos atuais sobre os processos de aprendizagem e suas implicações para a escola. **Fazeres e Saberes Educativos**, Getúlio Vargas, ano I, n. 1, p. 22-29, jun. 2002.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SOARES, Magda Becker. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

TARDIF, M. LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação** n. 4, p. 215-233. 1991.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso:  
PROGRESSÃO CONTINUADA DO 1ª AO 2ª ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL  
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem como objetivo analisar como a Progressão Continuada do 1ª ao 2º ano está sendo implementada em uma escola estadual de Ensino Fundamental.

Para isso, será realizado, no ambiente escolar, um levantamento de dados através de observações dos alunos durante as práticas de alfabetização e das estratégias didáticas desenvolvidas pela professora titular da turma. Tanto os materiais escritos propostos pela professora quanto os produzidos pelos alunos poderão ser fotografados e apresentados no Trabalho de Conclusão de Curso.

Sua participação também envolve uma entrevista que será gravada se assim você permitir. Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do(a) participante e nem apresentada sua imagem ou voz em apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, sendo, assim, garantida a privacidade e a confidencialidade das informações.

Caso houver novas perguntas sobre este estudo, é possível entrar em contato com a pesquisadora Laiana Orozco Garcias através do telefone 96653480 ou com sua orientadora Profa. Dra. Luciana Piccoli, na Faculdade de Educação, pelo telefone 3308-4189.

---

Assinatura do(a) participante(a)

---

Assinatura da Pesquisadora Laiana Orozco Garcias

---

Assinatura da Professora Orientadora Luciana Piccoli

Porto Alegre, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso:**  
**PROGRESSÃO CONTINUADA DO 1ª AO 2ª ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**  
**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem como objetivo analisar como a Progressão Continuada do 1ª ao 2º ano está sendo implementada em uma escola estadual de Ensino Fundamental.

Para isso, será realizado, no ambiente escolar, um levantamento de dados através de observações dos alunos durante as práticas de alfabetização e das estratégias didáticas desenvolvidas pela professora titular da turma. Tanto os materiais escritos propostos pela professora quanto os produzidos pelos alunos poderão ser fotografados e apresentados no Trabalho de Conclusão de Curso.

Seu filho ou sua filha está convidado (a) a participar deste estudo. Assim, sua autorização é solicitada para que a pesquisadora responsável pela investigação Laiana Orozco Garcias, aluna do Curso de Pedagogia, possa realizar este levantamento de dados através da observação das crianças, do registro de suas falas e da fotografia dos materiais por elas produzidos. Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do (a) participante e nem apresentada sua imagem ou voz em apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, sendo, assim, garantida a privacidade e a confidencialidade das informações.

Eu, \_\_\_\_\_ responsável por \_\_\_\_\_, fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo que meu filho (a) participe da mesma.

Caso houver novas perguntas sobre este estudo, é possível entrar em contato com a pesquisadora Laiana Orozco Garcias através do telefone 96653480 ou com sua orientadora Profa. Dra. Luciana Piccoli, na Faculdade de Educação, pelo telefone 3308-4189.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Laiana Orozco Garcias

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Professora Orientadora Luciana Piccoli

Porto Alegre, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS**

- 1- Qual sua formação?
- 2- Há quantos anos você atua no magistério? E com classes de alfabetização?
- 3- Há quanto tempo você trabalha na Instituição?
- 4- Em que você se apóia para construir sua prática pedagógica de alfabetização? Como organiza o planejamento?
- 5 - Como é feita a avaliação dos alunos?
- 6- Como você descreve o aluno \_\_\_?
- 7- Como você percebe as aprendizagens do aluno \_\_\_? Comparando o início do ano letivo com agora, no mês de maio, percebeu avanços? Quais?
- 8- Quais estratégias você utilizou para possibilitar os avanços do aluno?
- 9 - Quais os aspectos que o aluno ainda precisa melhorar? Que objetivos ele ainda não alcançou? Como você acha que poderia contribuir para essa melhora?
- 10 - O que você entende sobre “progressão continuada”? Qual seria o objetivo?
- 11- As professoras receberam orientações sobre o processo de implementação da progressão continuada? Como isso tem sido feito?
- 12- Qual seu posicionamento em relação à progressão continuada? Como você tem feito para implementá-la?

## **ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM A COORDENADORA**

- A escola recebeu orientação sobre o processo de implementação da progressão continuada? Como isso tem sido feito? Quais estratégias a escola tem utilizado para implementá-la?
  
- Você tem acompanhado o processo de aprendizagem do \_\_\_? O que tem sido feito para promover os avanços desse aluno?